

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE É UNESC
HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO É UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA**

EDNA VENSON

**FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: A PROCURA DO CONHECIMENTO SOBRE A
INCLUSÃO ESCOLAR**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

EDNA VENSON

**FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: A PROCURA DO CONHECIMENTO SOBRE A
INCLUSÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de Licenciatura no curso de
Educação Física da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. MSc. Victor Julierme Santos da
Conceição

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011.

EDNA VENSON

**FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: A PROCURA DO CONHECIMENTO SOBRE A
INCLUSÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa na Formação de Professores.

Criciúma, Dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Victor Julierme S. da Conceição . Mestre - (UNESC) . Orientador.

Prof. Maria Neiva Borges Mezzari . Especialista . (UNESC)

Prof. Salete Dominghini Neves. - (E.E.F. PROFº LAPAGESSE).

Dedico este trabalho aos meus filhos, Henrique e Guilherme e aos meus pais Hilda e Edison, que me apoiaram e me deram força em todo o momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois me deu vida e saúde para buscar esta conquista.

Ao meu orientador, professor e amigo Victor Julierme, pela dedicação e amizade que me deu durante minha vida acadêmica. A todos os meus professores por me proporcionarem o conhecimento necessário para a minha carreira.

Aos meus filhos Henrique e Guilherme, que entenderam quando não pude estar presente em alguns momentos em suas vidas, e por respeitarem meus momentos de nervosismo.

A minha grande amiga Elizandra (in memorian), por ter estado sempre ao meu lado em todos os momentos de sua vida, me apoiando em todas as minhas decisões, me dando forças para continuar e me ensinando a nunca desistir.

Aos meus colegas de turma, em especial Leonardo Cabral, Leonardo Mastella, Marília Soratto, Any Simão e Tatiane Koerich por estarem sempre juntos em todos os momentos dessa nossa trajetória.

A minha amiga Kathlen Nancy e Daiane Freitas que durante nossa vida acadêmica, juntas criamos uma amizade muito sincera, e de muita cumplicidade.

Ao meu colega, Daniel Rodrigues por estar sempre presente e nos auxiliando em todos os momentos que precisamos.

**Í Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele
provavelmente não leva a lugar nenhum.Í
(Frank A. Clark)**

Resumo

A discriminação com as pessoas com necessidades educacionais especiais acontece em todos os lugares, o preconceito e a exclusão do convívio em sociedade é frequente, é preciso trabalhar a diversidade desde a infância, assim construindo a educação para todos. No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. (MITTLER, 2003). Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como os professores buscam o conhecimento sobre a inclusão, para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais incluídos nas aulas de Educação Física em suas turmas comuns do ensino fundamental. Para dar conta do mesmo, foi realizada uma investigação de caráter descritivo de campo, pois busca a descrição de dados levantados junto à população alvo, professores de Educação Física da rede municipal, estadual e particular. Apresenta-se em uma abordagem qualitativa por se entender e considerar que as relações entre a realidade e o sujeito não podem ser traduzidas em números. Segundo Negrine (2004), a base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. O presente trabalho aborda questões como: a história da Educação Especial Inclusiva no Brasil, inclusão de alunos nas escolas e formação e saberes docentes de professores. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com três professoras de Educação Física, regentes de classe no ensino fundamental, que possuíam alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em suas turmas comuns. Os dados demonstram que os professores foram mobilizados pelos saberes disciplinares. O mesmo não é entendido para os saberes experienciais, entende-se que tal fato é decorrente do desinvestimento profissional e o desinteresse na inclusão escolar. Através dos dados coletados pode-se observar que todas as professoras entrevistadas tiveram um contato direto com a educação Física durante sua vida escolar, isso fez com que as mesmas optassem pela formação na área. Através da Graduação elas observaram e acham muito importante a disciplina da Educação Física na escola, pois sabemos que é importante na fase de crescimento das crianças, melhorando o convívio social, integrando e propicia a formação de amizades entre as mesmas. O fato é que os professores, foram em busca de uma especialização depois que houve um contato com o aluno especial. É através e durante os estágios que o acadêmico passa a ter o contato com sua vida profissional. É preciso levar os acadêmicos conhecer o campo de trabalho, para causar um menor impacto quando os mesmos forem para uma escola cumprir com seu dever. Percebe-se que as aulas de Educação Física podem colaborar muito com o aluno incluído, pois durante as atividades ele terá mais proximidade com seus colegas, através de brincadeiras ou jogos, possibilitando o tato, a interação e uma maior socialização entre eles. Cabe a Educação Física oferecer aos alunos oportunidades de experiências de movimentos de modo a garantir seu desenvolvimento e atender as necessidades de movimentos de cada indivíduo.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Saberes Docente, Formação de professores.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE(Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais);

ANEE(Alunos com Necessidades Educacionais Especiais);

CADEME(Camapanha Nacional de Educação E reabilitação de Doentes Mentais);

CENESP(Centro Nacional de Educação Especial);

C.E.S.B.(Centro de Ensino Superior do Brasil);

DESE(Departamento de Educação Supletiva Especial);

ESUCRI(Escola Superior de Criciúma);

FUCRI(Fundação Educacional de Criciúma);

FUNDEB(Fundo de manutenção e Desenvolvimento a Educação Básica e de valorização dos Profissionais da Educação);

INEP(Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais);

IPG(Instituto Paulo Gontijo);

LDB(Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional);

MEC(Ministério da Educação);

PROERD(Programa de Educação e Resistência a Drogas);

SEESP(Secretaria de Educação Especial);

SENEB(Secretaria Nacional de Educação Básica);

SESPE(Secretaria de Educação Especial);

TCC(Trabalho de Conclusão de Curso);

UNESC(Universidade do Extremo Sul Catarinense);

LISTA DE QUADROS

QUADRO I.....	29
QUADRO II.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO BRASIL	13
2.2 INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS CLASSES COMUNS DO ENSINO REGULAR	15
2.3 FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES.....	20
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	25
3.2 NEGOCIAÇÃO DE ACESSO AO CAMPO E SELEÇÃO DOS COLABORADORES.....	25
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	28
3.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	31
4 CATEGORIAS DE ANÁLISE	33
4.1 OPÇÃO PELA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DO PASSADO AO PRESENTE	33
4.2 A FALTA DE CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A REGÊNCIA COM OS ALUNOS INCLUÍDOS.....	36
4.3 A BUSCA DO CONHECIMENTO PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PRÁTICA COMO CONSTRUTORA DE SABERES	39
4.4 INCLUSÃO: DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ESCOLA	42
5.CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
Apêndice	55

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de pesquisar sobre a Formação de professores de Educação Física na procura do conhecimento sobre a Inclusão escolar, surgiu por meio dos estágios supervisionados obrigatórios e não obrigatórios que desenvolvi nas escolas de rede pública de Criciúma-SC. Existe uma grande dificuldade da comunidade escolar e do poder público sobre a inclusão de crianças no âmbito escolar e visivelmente nas aulas de Educação Física. Em meus estágios observei que há uma carência do conhecimento sobre a inclusão entre os professores de Educação Física, assim como uma dificuldade de organizar pedagogicamente a aula para que estes alunos possam participar efetivamente da mesma.

A discriminação com as pessoas com necessidades educacionais especiais acontece em todos os lugares, o preconceito e a exclusão do convívio em sociedade é frequente, é preciso trabalhar a diversidade desde a infância, assim construindo a educação para todos. Booth (1999, apud, MITLLER, 2003), define a inclusão como um processo de aumentar a participação dos aprendizes na escola e de reduzir a sua exclusão com relação ao currículo, a cultura e as comunidades das instituições educacionais regulares existentes na vizinhança.

O professor é responsável pela ~~atualização~~ **atualização** do saber, devendo atualizar-se do conhecimento, experiências geradas através de práticas e competências durante o decorrer de sua profissão, procurando, contudo uma aproximação positiva com os alunos incluídos.

Assim sendo, este trabalho de conclusão de curso tem como **tema**: Formação e saberes docentes de professores de Educação Física: A procura do conhecimento sobre a inclusão escolar, e possui o seguinte **problema de pesquisa**: Como os professores de Educação Física buscam o conhecimento para trabalhar a Inclusão, de alunos com necessidades educacionais especiais, em suas aulas nas classes comuns em escolas da cidade de Criciúma-SC?

Para dar conta desta problemática, este trabalho de conclusão de curso possui como **objetivo geral**: compreender como os professores buscam o conhecimento sobre a inclusão, para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais incluídos nas aulas de Educação Física em suas turmas comuns do ensino fundamental. A partir do dado exposto, construí os seguintes

objetivos específicos: Descrever os motivos que levaram os professores a escolher a área Educação Física e como compreendem a importância desta disciplina na escola e na inclusão escolar; Analisar como os saberes experiências contribuem com o conhecimento para a atuação do professor de Educação Física na Educação Inclusiva; Descrever o processo de construção do conhecimento durante a formação inicial dos professores de Educação Física quanto à inclusão escolar; Descrever o processo de formação permanente dos professores de Educação Física para dar conta das necessidades formativas sobre a inclusão escolar.

O presente trabalho de conclusão de curso aborda questões no corpo do texto como: a história da Educação Especial e Inclusiva no Brasil, onde o autor Mazzota (2005), Gaio e Meneghett (2004), mostra algumas das primeiras instituições que surgiram no Brasil e seus desenvolvimentos, para atender a essas necessidades. Inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas classes comuns de Ensino Regular, onde o autor Mitller (2003), comenta que a inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente a alguns, fala-se também das leis que asseguram o direito pela educação para todos. O próximo capítulo relata sobre a Formação e saberes docentes, procurando fundamentar sobre os estágios durante a formação inicial. Conforme Tardif (2004) e Gauthier (1998), eles mostram que há diferentes tipos de saberes, na vida profissional de um professor provenientes de diferentes fontes.

Por meio destas informações adquiridas no corpo do texto, foi dada continuidade no trabalho através de pesquisa na formação dos professores para dar conta da fundamentação construída, buscando conhecer os diferentes tipos de saberes docentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO BRASIL

No Brasil, a organização de serviços para atendimento a cegos, surdos, deficientes mentais e deficientes físicos surgiram no século XIX, inspirados em experiências concretizadas na Europa e Estados Unidos, mas veio ocorrer somente no final dos anos cinquenta do século XX, assumido pelo governo federal, com a criação de campanhas especificamente voltadas para este fim. Mas foi em 1854 que surgiu no Brasil a Educação Especial com o Instituto dos meninos cegos (hoje Instituto Benjamin Constant), que se deve a José Alvarez de Azevedo, também cego, e o Instituto dos Surdos-Mudos (hoje, Instituto Nacional de Educação dos Surdos . INES) (MAZZOTTA, 2005).

Segundo Voivodic (2004), na primeira metade do século XX, até 1950, havia quarenta estabelecimentos de ensino regular mantidos pelo poder público, sendo um federal e os demais estaduais, que prestavam algum tipo de atendimento escolar especial a deficientes mentais. Ainda quatorze estabelecimento de ensino regular atendiam também alunos com outras deficiências.

Conforme Mazzotta (2005), no mesmo período três instituições especializadas atendiam deficientes mentais e outras oito dedicavam à educação de outros deficientes, dentre estas instituições tinham atendimento particular e estadual.

Diante das poucas ações estatais em relação à Educação Especial iniciava-se a implantação de instituições privadas especializadas sendo a primeira o Instituto Pestalozzi em 1926. (GAIO e MENEGHETT, 2004).

O Instituto Pestalozzi foi criado por um casal de professores no Rio Grande do Sul, que introduziu no Brasil a concepção da ortopedagogia das escolas auxiliares+ européias. Em 1927 foi transferido para Canoas (RS) como internato especializado no atendimento de deficientes mentais. (MAZZOTTA, 2005)

Ainda com o autor, em 1954, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Associação de pais e amigos dos Excepcionais__APAE. Com o apoio do governo federal, através do Presidente Castelo Branco, foi adquirido um prédio, com boa área de terrenos, onde se encontra a sede da APAE. Algumas leis foram votadas.

O atendimento educacional aos ANEE (Alunos com Necessidades Educacionais Especiais), foi explicitamente assumido, a nível nacional, pelo governo federal, com a criação de Campanhas especificamente voltadas para este fim.

A primeira a ser instituída foi a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro __ C.E.S.B. __ pelo Decreto Federal nº 42.728, de 3 de Dezembro de 1957. (MAZZOTTA, 2005)

Segundo o autor com o apoio do ministro da Educação e Cultura, Pedro Paulo Penido foi instituído, junto ao Gabinete do Ministro, a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais __ CADEME, que tem por finalidade promover, em todo território nacional, a educação, treinamento, reabilitação e assistência educacional das crianças retardadas e outros deficientes mentais de qualquer idade ou sexo.

O CENESP, Centro Nacional de Educação Especial, foi criado em 1973 pelo Presidente Emilio Garrastazu Médici, com a finalidade de planejar, coordenar e promover, o desenvolvimento da Educação Especial no período pré-escolar, nos ensinos de 1º e 2º graus, superior e supletivo, para os deficientes da visão, da audição, mentais, problemas de conduta e os superdotados, visando à sua participação progressiva na comunidade, obedecendo aos princípios doutrinários, políticos e científicos que orientam a Educação Especial, em todo território nacional. (MAZZOTTA, 2005)

Ainda baseado no autor, em 1986 o CENESP foi transformado em Secretaria de Educação Especial (SESPE). Com a criação do SESPE, a Educação Especial, a nível nacional, teve sua coordenação geral transferida do Rio de Janeiro para Brasília. Em Março de 1990 foi reestruturado o Ministério da educação e o SESPE passou a ser Secretaria Nacional de Educação Básica (SENEB). Mas em novembro do mesmo ano foi incluído como órgão da SENEB o Departamento de educação Supletiva Especial (DESE), com competências específicas com relação á educação especial.

Após a queda do Presidente Fernando Collor de Mello, no final de 1992, houve outra reorganização dos Ministérios e na nova estrutura reapareceu a Secretaria de Educação Especial __ SEESP, como órgão específico do Ministério da Educação e do desporto.

2.2 INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS CLASSES COMUNS DO ENSINO REGULAR

Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (SALAMANCA, 1994)

Ainda na Declaração de Salamanca (1994), o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos.

Alguns dados recolhidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Teixeira (INEP) no ano de 2004 mostra um constante crescimento na inclusão educacional de alunos com necessidades educacionais especiais. Apontou-se que em 2004 houve um aumento de 12,3% de alunos com necessidades educacionais especiais, alcançando 566.023 matrículas, sendo que destas 194.581 estão em classes regulares, totalizando um aumento de 34,1% em relação ao ano de 2003. Esse mesmo senso registrou nos últimos anos uma tendência da elevada inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns. (CONCEIÇÃO, 2006).

No Decreto Nº 6,571, de 17 de Setembro de 2008, foi decretado que:

Art. 1: A União prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, na forma deste Decreto, com a finalidade de ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular.

§ 1 Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular.

§ 2 O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas.

Conforme a nova LDB 9.394/96 falando especialmente sobre Educação Especial:

Art. 58: Entende-se por educação especial, para efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com necessidades especiais.

§ 1: prevê, ~~no~~ existência de serviços de apoio especializado na escola regular;

§ 3: ~~no~~ oferta de Educação Especial como dever do Estado, na faixa etária de zero a seis anos.

Art. 2º São objetivos do atendimento educacional especializado:

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos referidos no art. 1º;

II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e

IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino.

Ainda conforme LDB 9394/96, Art. 59, ~~no~~ sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I: ~~no~~ currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender as suas necessidades;

III: ~~no~~ professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV: ~~no~~ educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade...;

No Plano Nacional de Educação (2011), sua meta e estratégias são:

Meta 4: Universalizar, para a população de 4 a 17 anos, o atendimento escolar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na rede regular de ensino.

Estratégias:

4.1) Contabilizar, para fins do repasse do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação . FUNDEB, as matrículas dos estudantes da educação regular da rede pública que recebem atendimento educacional especializado complementar, sem prejuízo do cômputo dessas matrículas na educação básica regular.

4.2) Implantar salas de recursos multifuncionais e fomentar a formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado complementar, nas escolas urbanas e rurais.

4.3) Ampliar a oferta do atendimento educacional especializado complementar aos estudantes matriculados na rede pública de ensino regular.

4.4) Manter e aprofundar programa nacional de acessibilidade nas escolas públicas para adequação arquitetônica, oferta de transporte acessível, disponibilização de material didático acessível e recursos de tecnologia assistiva, e oferta da educação bilíngüe em língua portuguesa e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

4.5) Fomentar a educação inclusiva, promovendo a articulação entre o ensino regular e o atendimento educacional especializado complementar ofertado em salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em instituições especializadas.

4.6) Fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso à escola por parte dos beneficiários do benefício de prestação continuada, de maneira a garantir a ampliação do atendimento aos estudantes com deficiência na rede pública regular de ensino.

São poucos os municípios brasileiros que contam, em sua rede de ensino, com recursos educacionais municipais apropriados para a educação dos alunos com necessidades especiais. Os alunos com necessidades especiais podem ser adequadamente educados em situações comuns de ensino. (MAZZOTTA, 2005)

A via comum de ensino, ou ensino regular, consiste nos serviços e recursos geralmente organizados para todos; a via designada como especial é aquela em que o ensino ocorre mediante a utilização de auxílios e serviços comuns de educação escolar. (MAZZOTTA, 1993). Portanto pode se dizer que o ensino regular é para todos que frequentam a escola sem ter um ensino direcionado ou diferenciado para alunos incluídos com alguma necessidade educacional especial.

Conforme o autor supracitado, a classe especial, instaladas em escolas comuns, é caracterizada pelo agrupamento de alunos classificados como do mesmo tipo de deficiência, que estão sobre a responsabilidade de um professor especializado. Quando o aluno frequenta a classe especial em um período e no outro a classe comum, ela se caracteriza como auxílio especial. Quando o aluno em todo seu período escolar, está com o professor especializado, ele se configura como um serviço especial.

Conforme Mittler (2003 p. 34)

A integração significa tornar as escolas regulares em escolas especiais através da transposição das melhores práticas, dos melhores professores e dos melhores equipamentos das escolas especiais para o sistema regular de ensino. Portanto com a integração o aluno deve adaptar-se à escola, e não há necessariamente uma perspectiva de que a escola mudará para acomodar uma diversidade cada vez maior de alunos.

Pode se dizer que com a integração, o ANEE entra na escola e busca adaptar-se as formas e maneiras que a escola trabalha e se matem, até mesmo com o espaço físico que a escola pode ter ou não rampas de acesso ou corrimão para movimentação de alguns.

Comenta Fonseca (1995 p.196), que a “[...]” integração deve ser feita o mais cedo possível, porque as crianças deficientes são mais rapidamente aceitas quando são mais jovens”.

Para Voivodic (2004), o termo inclusão, do verbo incluir, significa compreender, fazer parte de, ou participar. Participação é uma necessidade fundamental do ser humano, e o homem só terá possibilidade de total desenvolvimento numa sociedade que permita e facilite sua participação.

Mittler (2003) Relata que a inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente a alguns. Faz parte da inclusão, criar um ambiente onde todos os estudantes possam desfrutar o acesso e o sucesso no currículo e tornar-se membros totais da comunidade escolar e local, sendo desse modo valorizado.

Na cidade de Salamanca, Espanha, em junho de 1994, aconteceu uma Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais, reafirmaram pela presente Declaração, o compromisso com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de ser o ensino ministrado, no sistema comum de educação, a todas as crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais. (SALAMANCA, 1994)

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. (MITTLER, 2003)

O autor supracitado, relata que o objetivo de tal reforma é garantir o acesso e a participação de todas as crianças em todas as possibilidades oferecidas pela escola e impedir a segregação e o isolamento.

Mazzotta (1998), comenta que às vezes, são necessárias modificações na organização e no funcionamento da educação escolar, para que os alunos com necessidades educacionais especiais possam ser atendidos.

Grande parte das necessidades educacionais, mesmo dos alunos portadores de deficiência, poderão ser atendidas apropriadamente, sem o concurso de ações e recursos especiais, na própria escola comum com os recursos regulares. Todavia a presença de necessidades educacionais especiais, cujo atendimento esteja além das condições e possibilidades dos professores e dos demais recursos escolares comuns, demandará a provisão de auxílio e serviços educacionais propiciados por professores especialmente preparados para atendê-las. (MAZZOTTA, 1998 p.23).

Numerosos municípios têm-se responsabilizado pelo oferecimento de ensino pré-escolar, mantendo para tanto rede de ensino própria. Diversos são aqueles que mantêm também, ensino fundamental contando com serviços e auxílios especiais de educação. A partir da Constituição Federal de 1988 e das Constituições Estaduais de 1989, tal responsabilidade tem sido mais largamente assumida e cumprida pelos municípios. Nos Artigos 208 (garantindo, além de outros, o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino) e 211 (Parágrafo 2º: Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental). (MAZZOTTA, 2005)

Procurando implantar atendimento educacional aos portadores de deficiência, os Municípios, de modo geral, têm tido dificuldades, ressentindo-se da falta de orientações científica e legalmente fundamentadas. (MAZZOTTA, 2005)

Mittler (2003), nos traz as seguintes contribuições, não é suficiente para os alunos serem apoiados para terem acesso ao que está disponível nas escolas. A essência da inclusão é que deve haver uma investigação sobre o que está disponível para assegurar aquilo que é relevante e acessível a qualquer aluno na escola.

Ainda que haja muitas ações que as escolas possam fazer para trabalhar pela inclusão, há limites para o que cada escola pode atingir sozinha.

Voivodic (2004), comenta que se a educação é importante, como fator de transformação para todos os indivíduos, uma educação de qualidade, que atenda suas necessidades educativas especiais, torna-se fundamental para os indivíduos com deficiência.

2.3 FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES

Segundo Shigunov e Shigunov Neto (2001), com o passar dos anos os professores vão adquirindo novos valores, novos comportamentos, novas atitudes em relação a sua profissão, que interferem negativa ou positivamente na transformação da realidade social. Para Borges (1998 apud Shigunov e Shigunov Neto, 2001, p. 43), entende-se que é na prática docente que os professores procuram buscar a construção dos saberes+.

Compreende-se então, que o processo de ampliação e aprofundamento do saber é construído através da sua formação e da sua experiência de trabalho.

Acredita-se ainda que construímos nosso conhecimento não somente quando chegamos na formação, e sim, em toda nossa trajetória vivida, ainda enquanto alunos na escola. Para Bueno (2002), não são somente os programas de formação de professores que contribuem para a construção da identidade docente, mas também a experiência de vida desses docentes relacionadas a educação e ao ensino. Para Tardif (2004), este é o saber temporal, é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional.

Para que o futuro professor conheça a realidade dos professores que estão a anos trabalhando, é necessário vivenciar os momentos desses indivíduos nas escolas através dos estágios supervisionados. Segundo Shigunov Neto e Maciel (2002), como definidores de uma postura docente possível, os estágios, tem suas etapas de observação, participação e regência. Sendo assim, os estágios possuem o objetivo de preparar o acadêmico para o campo de trabalho.

Segundo Pereira (2000), o estágio curricular é o único momento de integração da Licenciatura com a realidade dos sistemas escolares, geralmente é realizado ao final do curso. Ludke (1994, apud PEREIRA 2000) %D estágio é um

momento da prática e não exclusivamente o momento da integração teoria e prática. Isso porque

O estágio não se resume à aplicação imediata, mecânica, instrumental de técnicas, princípios e normas aprendidos na teoria. A prática não se restringe ao fazer, ela se constitui numa atividade de reflexão que enriquece a teoria que lhe deu suporte. O estágio é um processo criador, de investigação, explicação, interpretação e intervenção na realidade. Não é reprodução automática do já sabido.

Pimenta e Lima (2004), comentam que é importante desenvolver nos alunos futuros professores habilidades para o conhecimento e a análise das escolas, sendo assim, o estágio passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores.

A identidade do professor vai sendo construída com as experiências e história de vida, levando em consideração também, a atuação nos estágios supervisionados. Esta disciplina enquanto acadêmico, favorece na formação, beneficiando também, na experiência profissional e a prática dos professores-alunos no cotidiano das escolas.

O professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática, para Tardif (2004), ele aborda sua prática e organiza a partir de sua vivência, de sua história de vida, de sua efetividade e de seus valores.

Os saberes docentes estão ligados diretamente ao universo de trabalho do professor, e o ensino é uma atividade voltada diretamente ao aluno, este adquirido para e/ou no trabalho. Os saberes nos quais os professores se apóiam dependem diretamente das condições sociais e históricas nas quais eles exercem sua profissão. (GAUTHIER, 1998).

Segundo Tardif (2004), o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção.

Para Molina Neto (1997, apud SHIGUNOV E SHIGUNOV NETO, 2001), na escola pública o saber do professor é prático, pois acontecem diferentes tipos de conhecimento, tais como, o conhecimento da prática onde se acredita num aluno mais crítico e participativo da sociedade, o conhecimento específico do conteúdo de ensino e o conhecimento geral.

De acordo com Shigunov e Shigunov Neto (2001), os fatos ocorrentes no âmbito escolar estão relacionados aos ciclos do percurso profissional, resultando em

experiências que podem ser necessárias para o desenvolvimento e melhoria de sua prática pedagógica.

Freire (2001) comenta que é preciso sobre tudo que o formando desde o princípio, mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se também como o sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Para Shigunov e Shigunov Neto (2001, p 22), [a.] fatores como a formação inicial, participação em programas de formação continuada, dificuldades pedagógicas diárias influenciam numa prática pedagógica considerada como ideal.

Precisa-se além de nossa formação inicial estar sempre se atualizando através de curso, para assim, poder ter um conhecimento superior as dificuldades encontradas durante a profissão, tornando-se bons professores.

Segundo Pereira (1998 apud SHIGUNOV e SHIGUNOV NETO, 2001), o professor tem que ser bom principalmente quando a escola não tem muitos recursos, ele conclui que: "Quanto piores forem às condições pedagógicas, tanto melhor necessita ser o educador+.

É precisa ser bom em tudo que se faz dentro da escola, sem deixar que as condições pedagógicas precária influencie no saber, dificultando assim a troca de conhecimento para com os alunos.

Para se tornar um mau professor, basta utilizar-se de artifícios que dificultam o aprendizado como por exemplo sendo só ele detentor de conhecimento, não sabendo transmiti-lo. (SILVA 1991)

Para Tardif (2004) é o trabalho docente multidimensional que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas nas aulas de acordo com a identidade profissional do professor que se caracteriza sendo um plural, heterogêneo, por ter conhecimento e um saber-fazer diversos.

Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez exige uma formalização e uma sistematização adequadas. (TARDIF, 2004, p 35).

O autor relata que a produção de novos conhecimentos é apenas uma das dimensões dos saberes e da atividade científica ou de pesquisa.

Ainda com o autor, ele nos mostra que há diferentes tipos de saberes, que compõe na verdade, de vários saberes provenientes de diferentes fontes como:

Os saberes disciplinares, estes saberes integram-se igualmente à prática docente através de formação (inicial e contínua) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade. Que correspondem aos diversos campos de conhecimento, dispostos na sociedade, integrados nas universidades como disciplinas, faculdades e cursos, são transmitidos nos cursos e departamentos universitários independentemente das faculdades de educação e dos cursos de formação de professores.

Os saberes curriculares são saberes que os professores se apropriam ao longo de sua carreira. Estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdo, metodologia, são programas escolares que os professores devem aprender e aplicar.

Os saberes experienciais ou práticos, os próprios professores desenvolvem saberes específicos de acordo com a prática da sua profissão, em seu cotidiano. Estes saberes brotam da experiência e são por ela validados. O autor comenta ainda, que a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores re-traduzem sua formação e a adaptam a profissão, eliminando o que lhe parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra.

Gauthier (1998) cita alguns saberes docentes, sendo em primeiro lugar:

Saber disciplinar são saberes produzidos por pesquisadores e cientistas em diversas áreas dentro das universidades; o professor não produz o saber disciplinar, mas, para ensinar extrai o saber produzido por esses pesquisadores. **Saber curricular** é um programa que serve de guia ou manual para o professor planejar e avaliar. Tendo o professor conhecimento deste material; **Saber das ciências da educação**, o professor tem noção de carga horária, sindicatos, conselho escolar, noção de desenvolvimento das crianças, enfim possui saberes não direcionados a ação pedagógica, mas que são importantes para a educação de um modo geral; **Saber da tradição pedagógica** é o saber dar aula numa perspectiva de representação da escola determinada antes de ter feito a formação na universidade; **Saber experiencial**, a experiência e o hábito está articulado, às vezes transformados em regras que se repetem, sendo rotina; **Saber da ação pedagógica** é a experiência dos professores publicamente após o conhecimento nas salas de aula, agora eles podem ser avaliados, questionados por outros professores.

Portando, o professor possui habilidades naturais e adquiridas com sua história de vida e profissional, aprendem a compreender melhor os alunos, suas necessidades, conquistando o respeito deles. Com suas próprias experiências particulares, seus valores, suas emoções ele consegue resolver e assumir os conflitos com grande autoridade no contexto escolar, possibilitando assim a sua integração no ambiente de trabalho.

3 METODOLOGIA

Metodologia, segundo Demo (1993) trata-se dos procedimentos, das formas de como se chegar à ciência que propõe revelar a sociedade de forma concreta sem máscaras ideológicas. A metodologia aborda concepções teóricas e práticas das diversas técnicas que o pesquisador utiliza na construção e na busca de conhecimentos inovadores.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza, como descritiva de campo, pois busca a descrição de dados levantados junto à população alvo, professores de Educação Física da rede municipal, estadual e particular.

Apresenta-se em uma abordagem qualitativa por se entender e considerar que as relações entre a realidade e o sujeito não podem ser traduzidas em números. Segundo Negrine (2004), a base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada.

Segundo Parker & Real (2000 p. 13), “[...] como técnica social e disciplinas profissionais, a pesquisa de campo tem conquistado considerável credibilidade a partir de sua aceitação generalizada e de seu uso em instituições acadêmicas”. Isto prova que a pesquisa a cada dia que passa têm se tornado um instrumento amplamente utilizado e reconhecido na maior parte dos países desenvolvidos do mundo.

Portanto ao levantar dados sobre a Formação de professores de Educação Física na procura do conhecimento sobre a Inclusão escolar, visamos conhecer os conceitos, como também a contribuição dos fatores cotidianos mediados pelos educadores.

3.2 NEGOCIAÇÃO DE ACESSO AO CAMPO E SELEÇÃO DOS COLABORADORES

Fizeram parte desta pesquisa uma escola municipal, uma estadual e outra particular. A escola municipal fica localizada no bairro Quarta Linha, atualmente a

escola possui turmas do jardim ao 6º ano, no período matutino e vespertino, conta também com 3 turmas de Educação de adultos da 5ª a 8ª série, no período noturno. Também localizada no bairro Quarta Linha, a escola estadual atende no período matutino, vespertino e noturno, com turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A escola particular fica localizada no bairro Pio Correia, conta com ensino na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos turnos, matutino e vespertino, com uma formação voltada a vivência cristã

A escolha por esta escola estadual se deu a partir do meu histórico de vida estudantil, profissional e pessoal. Foi onde eu estudei e fiz todo o ensino fundamental, hoje tenho dois filhos que estudam neste mesmo local e tive o prazer de realizar meu estágio obrigatório no primeiro semestre de 2011 com Ensino Fundamental das séries finais. Sempre que falta algum professor de Educação Física a direção logo me solicita para dar continuidade nas aulas. Foi através deste vínculo com a escola, com os professores e com a direção que decidi fazer minha pesquisa neste local, podendo ficar mais a vontade com os professores durante as entrevistas devido ao contato que já tinha com as mesmas. Contando também que a escola fica próxima a minha casa, facilitando a negociação de acesso.

A escola possui um espaço adequado para a prática da Educação Física, pois conta com um ginásio, e uma parte de lajota fora do ginásio, onde fizeram uma quadra de vôlei, aos fundos desta quadra, sobra um bom espaço para algumas atividades recreativas.

Durante o ano de 2010 realizei o estágio não obrigatório e em 2011 o estágio curricular obrigatório na escola municipal. Por isso resolvi voltar á esta escola, agora como pesquisadora para desenvolver minha pesquisa (TCC). Sempre tive auxílio dos professores e diretores que lá trabalham, conheço bem a escola e sei das dificuldades encontradas, e também da luta que a professora de Educação Física enfrenta quanto à inclusão e como se esforça para que a inclusão realmente aconteça. Já havia conversado com a diretora em semestres anteriores que eu tinha interesse em fazer minha pesquisa com a professora de Educação Física que lá trabalha, no decorrer dessas conversas a diretora sempre respondeu que as portas estariam abertas para quaisquer que fossem as minhas necessidades. Com esta resposta voltei à escola falei com a diretora, sobre a minha pesquisa, e ela rapidamente me deu permissão para que eu entrevistasse a professora de Educação Física.

Fazendo uma análise dos espaços que a escola oferece aos alunos, constatei que a escola apresenta um espaço impróprio para a prática, a Educação Física é realizada num campo onde não existe grama, não tem marcação nenhuma, apenas duas traves, e ali a professora tem que ministrar suas aulas, seja o futebol, voleibol ou brincadeiras e jogos.

Molina (2004), lembra de alguns cuidados que devemos ter com as nossas escolhas: ao decidirmos qual o lugar da realização da investigação, aspectos práticos como o contato com o custo dos deslocamentos, disponibilidades dos documentos, etc.

Na escola particular, também realizei um estágio obrigatório, feito no curso de Bacharelado em Educação Física em 2009. Mesmo sendo Bacharelado pude observar como a disciplina de Educação Física era tratada pela comunidade escolar. Quando decide fazer a pesquisa em uma escola particular, lembrei logo desta escola que eu já havia tido algum contato. Na análise feita para coleta de dados dessa pesquisa, observou-se uma escola com um espaço físico muito bom, com varias opções para a prática quanto a Educação Física, ela possui dois ginásios, uma conta com duas quadras, piscina e também quadra externa. Os alunos têm aulas disponíveis de algumas modalidades fora do horário de aula. Nesta escola a minha pesquisa não foi realizada com o mesmo professor do estágio, mesmo assim a professora colaboradora me recebeu muito bem. Esta escola é de fácil acesso, pois fica localizada em um dos bairros próximo ao centro.

Todas as escolas selecionadas para essa pesquisa se deram através dos meus estágios obrigatórios, por gostar do local e admirar o trabalho dos professores que me ensinaram muito durante os estágios.

O nome dos colaboradores foi alterado por nomes fictícios para manter o sigilo da fonte. Para melhor esclarecimento do perfil das colaboradoras desta pesquisa apresento a seguir algumas informações de identificação das colaboradoras e formação profissional de cada uma.

A colaboradora Elizandra, é solteira, não possui filhos, sua idade é de quarenta e dois anos. Formou-se na antiga FUCRI, hoje UNESC, em 1991 em Licenciatura Plena e sua pós-graduação teve como tema: Atividade Física, Promoção e Manutenção Da Saúde, com término em 2002. Há vinte e quatro anos atua na área da Educação Física, e na escola que a entrevistei trabalha há 10 anos. Além desta, ela trabalha também em outra escola, fora do município.

A colaboradora Heverlin, com quarenta anos, casada, tem uma filha de 12 anos. Formada desde 1994 em licenciatura plena, pela antiga FUCRI. Sua pós-graduação foi Atividade Física, Promoção e Manutenção da saúde, concluído em 2003. Nesta escola que há entrevistei trabalha há dez anos, começou a dar aula logo depois de formada.

A colaboradora Cintia tem vinte e oito anos, solteira, formada desde 2005 pela UNESC em licenciatura plena. Fez pós-graduação em Educação Física Escolar, pelo IPG, na ESUCRI em 2008, 2009. Há seis anos atua na profissão e á três anos trabalha nesta escola, além da particular ela também trabalha em uma escola de rede municipal de Criciúma.

Pode-se perceber que ambas as professoras entrevistadas possuem uma Pós - graduação, mostra-se que as mesmas vão em busca de uma formação contínua e isso nos dá uma certa segurança quanto a preparação que elas tem para estar atuando na área da Educação Física Escolar.

Apresenta-se no quadro abaixo, as respectivas informações das colaboradoras:

QUADRO I:

Professor	Tempo De Atuação	Local De Atuação	Formação Permente
Elizandra, 42 Anos	24 Anos	Rede Municipal	Manutenção E Promoção Da Saúde
Heverlin, 40 Anos	17 Anos	Rede Estadual	Atividade Física, Promoção E Manutenção Da Saúde
Cintia, 28 Anos	6 Anos	Rede Particular	Educação Física Escolar

Fonte: Venson (2011).

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Como instrumento de coleta de informações foi utilizado à entrevista semi-estruturada, construída a partir dos objetivos do estudo. Segundo Negrine (2004) o instrumento de coleta é pensado para a obtenção de informações, permitindo explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado e visando garantir determinadas informações importantes para o estudo.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista semi-estruturada é aquela que o entrevistador segue um roteiro pré-definido ampliando os

questionamentos no decorrer da entrevista se necessário, e são feitas com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

É importante ressaltar que na entrevista semi-estruturada, o entrevistador pode repetir as perguntas para maior entendimento, formular de maneira diferente, oportunidade de avaliar atitudes e condutas, assim as entrevistas apresentam um amplo campo de interrogativas, possibilitando a criação de novas hipóteses a partir de cada resposta do informante, passando este a participar da elaboração do conteúdo da entrevista.

Inicialmente com as colaboradoras Elizandra e Heverlin fui à direção pedir permissão para que eu pudesse entrevistar as professoras. Com a permissão concedida, falei com as professoras colaboradoras, expliquei todo o processo da entrevista, em seguida, agendamos a data e o horário que as mesmas estivessem disponíveis para que eu pudesse realizar a entrevista. Já com a colaboradora Cintia, conversei primeiramente com a diretora, após enviei por email o roteiro de perguntas para que ela pudesse avaliar se eu poderia fazer a entrevista com um dos professores da escola. Retornou meu email dando permissão para que minha pesquisa fosse realizada com um de seus professores. Por telefone agendei o dia que seria melhor para a colaboradora me receber.

Com a colaboradora Elizandra, a entrevista havia sido marcada às nove (9) horas e 30 minutos da manhã, do dia três (3) de outubro, que seria o horário em que a professora estaria livre. Cheguei à escola no horário marcado, mas por necessidades do PROERD, (programa de educação e resistência as drogas), formado por policiais militares, o horário vago da professora naquele dia foi mudado, fiz a entrevista com a professora dando aula na rua, causando assim, uma agitação no momento da entrevista, pois muitas vezes ela tinha que atender algum aluno, mas nada que interferisse nas respostas dadas. A colaboradora respondeu as perguntas calmamente, teve seu tempo para pensar em suas respostas, podendo assim dar respostas completas, não demonstrou nervosismo durante a mesma, e sim muita sinceridade quanto ao que foi falado.

A professora muito gentil comigo, cedeu ao pedido dos alunos de ter futebol naquele dia, pois não seria possível ela continuar o conteúdo com eles, porque teria que me dar atenção, mesmo assim, os alunos ainda solicitavam a atenção da professora, era uma turma de 5^o ano, onde as regras do Futebol ainda

não são muito entendidas. Ao final da entrevista a professora se disponibilizou se caso faltasse algo para meu estudo.

Com a colaboradora Heverlin a entrevista foi realizada na sala de Educação Física no horário em que não tinha aula, assim podendo ter silêncio para um melhor entendimento no momento da transcrição. A entrevista foi realizada dia trinta de setembro, as dez (10) horas da manhã. A colaboradora demonstrou um pouco de constrangimento ao começar a responder, mas rapidamente ficou mais a vontade, respondeu as perguntas com clareza para uma boa interpretação da mesma.

A entrevista com a colaboradora Cintia foi no dia seis (6) de outubro, as onze horas da manhã, demonstrou estar muito nervosa, suas respostas eram rápidas e com poucos detalhes, decidi então conversar com ela sobre sua vida pessoal, onde foi deixando ela mais calma e a vontade de conversar abertamente comigo, segunda a colaboradora é a primeira vez que ela contribui para uma pesquisa. Iríamos fazer a entrevista na sala dos professores, como ficou entrando muito professor na sala, decidimos ir à rua, pois era o momento de aula na escola e todos estavam em sala, ficamos num lugar muito tranquilo, onde nada tirasse a atenção da professora para responder minhas perguntas.

As entrevistas gravadas tiveram duração em média entre quinze a vinte minutos e em seguida transcritas.

Todas as entrevistas gravadas foi passada para uma pasta em meu computador, para serem transcritas. A transcrição das entrevistas foi feita no mesmo dia em que as mesmas foram realizadas, por disponibilidade do meu horário naquele momento.

Os depoimentos e as respostas dadas devem ser transcritas com fidelidade, sem alterações dos vocábulos utilizados para que se evite a contaminação das informações. (NEGRINE, 2004).

Portanto devemos transcrever as entrevistas exatamente como ela foi feita, com as falas exatas das colaboradoras, sem modificações nas respostas.

Em relação ao tempo utilizado nas entrevistas e transcrição das mesmas, apresento no quadro abaixo, respectivamente os tempos das entrevistas e suas respectivas transcrições.

QUADRO II Tempo e duração das entrevistas e transcrições

Colaborador	Tempo de entrevista	Tempo de transcrição
ELIZANDRA	20 minutos	2 horas e 15 minutos
HEVERLIN	17 minutos e 16 segundos	1 hora e 40 minutos
CINTIA	15 minutos e 32 segundos	1 hora e 28 minutos

Fonte: Venson, (2011).

As entrevistas transcritas foram enviadas as colaboradoras da investigação, procurando uma validação quanto ao real entendimento daquilo que se teve como resposta. Esta leitura pelas colaboradoras da pesquisa de suas entrevistas tem o objetivo de possibilitar uma revisão das respostas buscando a concordância sobre o que foi falado. Quando levei às entrevistas as colaboradoras para fazer a leitura, perguntei a todas se queriam fazer alguma alteração em suas respostas, as colaboradoras não acharam necessário. Todas as colaboradoras ficaram surpresas ao ter contato com a própria fala transcrita, pelo vício de linguagem que temos em nosso cotidiano. A colaboradora Heverlin respondeu que não seria necessário, pois já havia falado muito, e com muitos erros, ficou surpresa com suas falas, disse que é muito diferente de quando estamos escrevendo, neste caso podemos pensar e ver se a concordância está certa, falando já não da pra fazer isto. Este momento foi importante para que os colaboradores pudessem corrigir alguns erros, mas nenhuma delas mudou as respostas e também não acrescentaram nada.

Todo este procedimento utilizado para a coleta de informações, negociação de acesso, as entrevistas, a transcrição das entrevistas, as devoluções as respectivas entrevistadas e suas validações ocorreram sem nenhum impedimento no mês de outubro de 2011.

3.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Feito este movimento, separei cada entrevista em pastas diferentes em meu computador. As entrevistas transcritas foram analisadas e quando necessário destacado com cores diferentes, frases, palavras, idéias, assuntos ou termos que manifestou relevância nas respostas das entrevistadas. Este processo foi feito para construir as unidades e significados de todas as entrevistas. Procurei separar estas unidades de significados por proximidade temática, que deram origem a quatro (4) categorias de análise, que tratam de entender e compreender o problema de

pesquisa, em seguida procurou-se dar um nome a estas categorias, ou seja, que tivesse coerência com as unidades de significados. Feito isto, fiz um quadro separando os meus objetivos específicos e fui analisando cada categoria buscando responder a cada objetivo do meu estudo.

O próximo passo foi trabalhar as categorias que são as informações (falas) disponibilizadas pelas colaboradoras, relacionando com as teorias investigadas e apresentadas no referencial teórico.

Para Negrine (2004), o processo de categorização se torna um elemento relevante da pesquisa qualitativa, pois, não basta colhermos informações, temos que pensar como trabalhar com elas.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Com o objetivo de organizar as informações coletadas através dos colaboradores desta pesquisa, no que diz respeito as teorias apresentadas no referencial teórico, foram construídas algumas categorias. Estas informações são de grande importância para a conclusão deste estudo referente aos diferentes momentos na formação e saberes da vida de um professor de Educação Física quanto à inclusão escolar.

Apresentando neste capítulo as categorias encontradas, referente as informações coletadas: Opção pela formação em Educação Física: do passado ao presente; A falta de conhecimento dos professores de Educação Física para a prática com os ANEE; A busca do conhecimento pelos professores de Educação Física: A prática como construtora de saberes; Inclusão: facilidades e dificuldades encontradas na escola. A partir destas categorias irei trabalhar todas as informações coletadas nas entrevistas com as colaboradoras.

4.1 OPÇÃO PELA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DO PASSADO AO PRESENTE

Neste capítulo apresenta-se à opção pela profissão e quais foram os motivos que levaram a escolha pela formação em Educação Física. Partindo do princípio que escolher uma profissão não é uma tarefa fácil, precisamos ter motivos fortes e concretos para ajudar nesta decisão, onde muitas vezes o percurso de vida contribui na decisão de que caminhos seguir no futuro. A cada decisão tomada, somos invadidos de dúvidas, emoções, incertezas, ou até mesmo de influências do nosso convívio. Desde cedo algumas pessoas já sabem o que querem fazer da vida e que carreira e profissão seguir; esta não é a realidade para a maioria, muitos chegam ao ponto de não ter idéia sobre qual carreira prestar.

Para Soares (2002), a identidade é formada, nas relações estabelecidas entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada indivíduo. Portanto, o professor antes de ser um profissional, teve uma história, tanto com sua família, amigos ou na escola. Sendo assim, suas escolhas são construídas

durante sua criação através de vínculos que são adquiridos pela sua trajetória de vida pessoal e profissional.

Neste sentido, a Professora Elizandra, comenta que suas aulas de Educação Física no ensino médio, eram muito direcionadas ao esporte, sendo assim, ela sempre participava de jogos escolares, recreação na escola e estava sempre envolvida de alguma forma nas atividades de Educação Física.

“[p.a.] eu gostava muito, da parte esportiva, da parte da Educação Física, eu me destacava também, mas é que eu gostava, eu gostava de esporte, sempre gostei de esporte, desde pequena. Assim, na escola mesmo, eu me identificava nas aulas de Educação Física [...] E aí sempre pensei, não, se for pra trabalhar com escola, vai ser direcionado a Educação Física+ (Profª. Elizandra)

Todo este contato com o esporte teve certa Influência em sua decisão pela profissão. Portanto pode se dizer que a identidade de cada indivíduo, ou a construção do saber, é definida muito antes de decidir qual carreira seguir, até mesmo sem que seja percebido. Tardif (2004) cita que uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar, provém de sua história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Esse interesse pelo saber tem um processo longo de vida, acompanhado de conhecimentos anteriores, crenças e atuações na sua vida pessoal e como aluno.

A Profª Heverlin estava sempre envolvida com as atividades práticas que haviam na escola, e nas aulas de Educação Física, levando a procura profissional a este campo.

“Desde criança na verdade eu sempre gostei muito assim, de tá jogando de tá participando de dança principalmente, tudo quanto era dança na escola eu sempre participava, sempre, tudo que tinha eu tava presente, gostava muito de basquete também, e uma que eu gosto muito assim, da área da saúde em si, se não fosse Educação Física, seria alguma coisa relacionada a saúde, deu certo Educação Física, fiz gostei+ (Profª. Heverlin)

Conforme visto na fala da prof^a Heverlin e Elizandra, ambas gostavam de estar sempre em contato com a prática, com o esporte. Observei que a opção pelo curso de Educação Física se manifestou nas colaboradoras principalmente pelas ricas experiências com atividades físicas na escola, e pelo incentivo que a professora dava em participar dos jogos escolares, influenciando assim, em suas decisões. As experiências que as colaboradoras tiveram em sua vida relacionada a escola em suas aulas de Educação Física, contribuiu muito na constituição do seu processo de escolha.

Já a Prof^a Cintia, procurou a formação na Educação Física pela superação que ela teve no esporte durante as aulas enquanto aluna. Ela conta, que durante uma aula de Educação Física, colegas riram dela por ter errado num jogo de vôlei, ridicularizando-a. Depois deste acontecimento, ela procurou se envolver mais com o esporte, querendo mostrar para si própria que poderia fazer melhor. Teve muita determinação, força e vontade para seguir este caminho, percebendo em suas atitudes em aula um grande potencial para a profissão.

“(...) foi na quarta série eu nunca esqueço que quando eu fui jogar vôlei eu levei uma bolada na cara e todo mundo começou a rir de mim (risos), aí a partir daquilo eu comecei a me superar né, e sempre querer praticar bastante esporte, eu comecei a gostar, aí eu comecei a sempre ser líder esportiva... como eu me destacava nos esportes eles me escolhiam. Até eu levar esta bolada eu era meio patona, a bolada que me incentivou a procurar os esportes+ (Prof^a. Cintia)

Alguns acontecimentos na vida fazem com que o sujeito desista de seguir adiante, deixando-os desmotivados a continuar. Com esta colaboradora, o fato ocorrido marcou sua vida, influenciando muito em sua escolha pela profissão, escolha essa que definiu seu futuro, e trouxe muita satisfação, pois no decorrer da entrevista demonstrou bastante entusiasmo e interesse pelo que faz.

No caso desta colaboradora, a vergonha que ela passou por levar esta bolada, deu força, vontade e coragem de poder melhorar na prática, causando um grande interesse pela procura da profissão, podendo hoje ensinar para os alunos tudo o que foi buscar para o seu conhecimento e através também de experiências vividas.

Tardif (2004), conta que muitas pesquisas mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-la. De acordo com o autor supracitado a experiência herdada tem uma forte influência na escolha profissional, e que boa parte do que os professores sabem, é devido sua história de vida e socialização enquanto aluno, pode-se se dizer então, que a idéia deste autor teve concordância com os dados obtidos nesta categoria, pois todas as professoras colaboradoras desta pesquisa, em sua vida escolar estavam envolvidas na prática, junto ao esporte, tendo um conhecimento e se apropriando do saber docente, dando continuidade a este saber na sua vida profissional.

4.2 A FALTA DE CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A REGÊNCIA COM OS ALUNOS INCLUÍDOS

A apresentação desta categoria de análise torna-se importante, a medida que foram manifestadas pelas colaboradoras da pesquisa, desapontamento com a graduação considerada insatisfatória na construção do saber docente e na preparação do professor para a realidade profissional. Procurei mostrar através dos resultados obtidos, que o professor de Educação Física sai de sua formação com pouco conhecimento para atuar com a inclusão, pois os mesmos não tiveram nenhuma disciplina que pudesse contribuir na sua docência.

As professoras Elizandra e Heverlin, afirmam que tiveram apenas o estágio obrigatório durante o percurso acadêmico, onde elas pudessem ter algum conhecimento quanto a Necessidades Educacionais Especiais, mas não como trabalhar com essas diferenças na inclusão. Segundo Pereira (2000), o estágio curricular é o único momento de integração do conhecimento aprendido durante a formação inicial com a realidade dos sistemas escolares e geralmente é realizado ao final do curso. É durante os estágios que se tem conhecimento da realidade da escola e do saber docente, é através da prática, que a teoria é utilizada. No caso das duas colaboradoras, elas não tiveram nenhuma disciplina que pudesse contribuir para aprofundar o conhecimento e trabalhar com a inclusão de ANEE nas aulas de Educação Física.

%a.] disciplina para trabalhar com eles (ANEE), eu não tive, tu vai buscar depois, através de cursos, formação, palestras, mas eu não tive+ (Profª. Elizandra)

%Não, inclusão escolar não, ó a única coisa que a gente fez foi estágio em escola especial, nós fizemos estágio na escola especial, mas inclusão, uma disciplina com a inclusão não, nenhuma+ (Profª. Heverlin)

Conforme a colaboradora Heverlin, ela não teve disciplina na sua formação quanto a inclusão, mas teve algum conhecimento das necessidades especiais, através do estágio obrigatório em uma escola especial. A profª Elizandra também comenta que teve o estágio obrigatório na educação especial, mas que não teve nenhuma orientação dos professores antes e durante sua atuação.

%a.] sim, aquele que tu entra na escola e vai, bem assim, te vira+ (Profª Elizandra)

Pimenta e Lima (2004) comentam que é preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, a luz de teorias. Cabe ao estágio obrigatório, principalmente aos professores de estágio desenvolver atividades que levem os acadêmicos a compreensão daquilo que se vê, da realidade encontrada, possibilitando que seja trabalhada a diversidade. É através dos estágios que se adquire experiências e preparo para atuar no campo de trabalho.

Os estágios em escolas especiais contribuem de alguma forma no saber do professor para trabalhar com a inclusão, é através dos estágios que se conhece algumas necessidades educacionais especiais, e também as dificuldades e de que maneira que pode ser trabalhar a inclusão em classes comuns, conhecendo os limites de cada caso.

A colaboradora Profª Cintia, conta que teve duas disciplinas direcionadas a inclusão na sua formação e também o estágio obrigatório em escola especial. Relata que essas disciplinas contribuem de alguma forma, mas que não são suficientes para chegar na escola e conseguir fazer um bom trabalho com esses alunos incluídos.

Estes são os saberes disciplinares, que Tardif (2004) comenta, saberes que se integram igualmente à prática docente através de formação (inicial e contínua) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade.

Foram duas se não me engano [...] só que no meu estágio na área da inclusão eu achei bem difícil assim, a prática né, não foi uma coisa que eu me identifiquei muito, mas foi legal, foi bom para o conhecimento+ (Profª. Cintia)

A fala desta colaboradora, deu pra entender que ela fala do estágio da Educação especial, e não de inclusão, mas que também teve uma disciplina que auxiliou sobre a inclusão.

A Profª. Cintia, a mais recente graduada, formada em 2005, foi a única a ter alguma disciplina em sua formação relacionada alunos com necessidades educacionais especiais. Desta forma nota-se, que a formação vem sendo inovada, transformada, com um interesse maior de que todos tenham direito pela educação, acrescentando na grade curricular do ensino superior, disciplinas que fale e ensine como trabalhar a inclusão escolar. É importante comentar que o processo de alterações curriculares vem se desenvolvendo de forma bastante diferenciada nas instituições onde, historicamente a preocupação em formar profissionais voltados para atender as exigências e expectativas do mercado consumidor é mais presente. O professor começa a ter contato com a realidade de sua profissão, desde os estágios, é importante durante o período de formação o aluno ter contato com a realidade, conhecer o espaço em que vai dedicar parte de sua vida, para que assim, tenha a real expectativa da sua profissão.

Segundo Pereira (2000), o estágio curricular é o único momento de integração da Licenciatura com a realidade dos sistemas escolares, geralmente é realizado ao final do curso. É através e durante os estágios que o acadêmico passa a ter o contato com sua vida profissional. É preciso levar os acadêmicos conhecer o campo de trabalho, para causar um menor impacto quando os mesmos forem para uma escola cumprir com seu dever. Portanto as colaboradoras, passaram por este momento de conhecimento do seu ambiente de trabalho, na vida acadêmica como foi mostrado nesta categoria, todas tiveram estágios com a Educação Especial, mas nada que pudesse ensinar a elas, qual o caminho ideal para ser trabalhada a inclusão nas aulas de Educação Física.

4.3 A BUSCA DO CONHECIMENTO PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PRÁTICA COMO CONSTRUTORA DE SABERES

Neste capítulo, apresenta-se através das informações coletadas, a participação das colaboradoras em programas de formação continuada e a prática como construtora dos saberes. Para muitos a formação termina quando se conclui a graduação, na verdade ainda existe uma longa caminhada, é preciso estar sempre atualizado, procurando conhecimento para poder ter domínio de situações que poderão intervir no seu trabalho. Conforme os autores Shigunov e Shigunov Neto (2001), para o professor permanecer qualificado e atualizado, é necessário a participação em programas de formação continuada. Segundo a Prof^a Elizandra, os cursos disponibilizados quanto a inclusão são poucos, e não conseguem responder as dificuldades encontradas no seu dia a dia.

Éee, sempre faz cursos não, porque a gente tem bem poucos, tanto no município TAL como aqui ó, relacionado a inclusão alunos especiais, não tem, a gente não tem muitos cursos relacionado a esse lado não tá+(Prof^a Elizandra)

Para a colaboradora Prof^a Elizandra, os cursos não são suficientes para o papel do professor na transmissão de saberes. Comenta a colaboradora que não faz muitos cursos, pois são poucos neste assunto.

Os professores precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudança que mexem com seus valores e com suas convicções, assim como aquelas que afetam sua prática profissional cotidiana, (MITTLER, 2003). O ideal seria preparar os professores para seu trabalho, deixando-os sempre atualizados de seus novos compromissos, para que isso aconteça, o essencial é proporcionar cursos de formação continuada, contribuindo com o saber docente.

Segundo Cristine (2011), quando se refere á formação continuada, são enfatizados os seguintes aspectos do profissional: A formação, a profissão, a avaliação e as competências que cabem ao profissional. O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho.

Acredito que a busca de uma formação contínua está sendo feita, mas o que percebo é que a grande maioria não buscam se especializar na área a inclusão. O profissional deixa para buscar a área de especialização na área da inclusão, depois que já se tem alunos na escola. As escolas deveriam ter em seu plano anual, palestras, cursos, workshops nessas áreas para manter sempre seus profissionais atualizados, conhecer os conteúdos a ensinar e discutir a sua trajetória no decorrer do ano, tais como organizar e solucionar as situações-problema e adequar aos níveis e possibilidades dos alunos.

Em Síntese, o processo de formação continuada de professores que está se propondo aqui se concentra em três eixos básicos:

- O domínio do saber acumulado no que se refere ao conteúdo escolar e às formas de ensiná-lo.
- O domínio da concepção dialética como meio de desenvolver uma ação e reflexão autônomas e críticas;
- A Formação de uma postura ética-política por sentimentos e valores que possibilitem ao professor utilizar esse saber acumulado como meio para o desenvolvimento pleno do aluno e para seu próprio desenvolvimento como ser humano. (MAZZEU, 1998).

A colaboradora Prof^a Heverlin, já tem uma opinião diferente em relação a disponibilidade de cursos. Ela comenta que são disponibilizados cursos sobre inclusão, e que a pós-graduação ajudou bastante, pois quando fez a sua, havia uma disciplina relacionada a inclusão. Para esta professora esses cursos ajudam a identificar o problema, mas não responde todas as dúvidas dos profissionais. Os cursos ensinam quais os sintomas, as dificuldades apresentadas de cada necessidade especial, e também, quais as atividades mais adequadas para aquele aluno, mas não como incluir este indivíduo nas atividades propostas e planejadas pelo professor para turma.

...] tem vários cursos assim, em relação à inclusão [...] Assim ó, o da pós ajudou bastante, até porque a gente viu, as deficiências a evolução que elas podem ter [...] Mas é na parte prática que a gente aprende muito mais, assim ó, imagina tu vai lá faz os curso e tal, tu sempre aprende algumas coisinhas nos cursos, mas a prática faz muita diferença+ (Prof^a Heverlin)

Para Tardif (2004), tais experiências são adquiridas com o tempo e com a experiência de trabalho. É no dia a dia, trabalhando, que se constrói grande parte do conhecimento. Conforme o autor, esses são os saberes experienciais, que no exercício cotidiano de sua função, os condicionamentos aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal.

Constata-se então, que a prática se torna um grande avanço no saber do professor, proporcionando ao docente, auto-confiança em tomar atitudes devido algumas situações geradas em suas aulas.

Bueno (2002) afirma que não são somente os programas de formação de professores que contribuem para a construção da identidade docente, mas também a experiência de vida desses docentes relacionadas a educação e ao ensino.

Na opinião das colaboradoras Elizandra e Heverlin há uma contradição, pois Elizandra tem sua idéia de que os cursos disponibilizados são poucos, e já Heverlin comenta que há bastantes cursos para que possam se apropriar do conhecimento. Para alguns é preciso de mais informações, pode ser levando em consideração, toda trajetória de vida profissional, alguns podem ter encontrado no decorrer de sua carreira maiores dificuldades de conseguir fazer com que a inclusão aconteça, por talvez, se deparar com ANNE, com uma maior grau de deficiência, precisando de um maior auxílio da sua docência. No caso da colaboradora Heverlin, durante a entrevista ela citou alguns casos de inclusão durante sua carreira, onde pode ter colaborado com seu saber nos dias de hoje.

Portanto englobando todas as informações coletadas dos colaboradores quanto a procura por conhecimento, nota-se que, os curso ajudam a conhecer as dificuldades encontradas em cada caso de inclusão, a limitação de cada um, mas eles afirmam que é na prática que se aprende, que vão conseguindo entender como trabalhar com cada caso de aluno incluído. Pereira (2000), afirma que a formação do professor não termina com a sua diplomação na agência formadora, mas completa-se em serviço. Abaixo o relato da colaboradora Cintia:

%Curso eu fiz um de inclusão, e é mais na prática mesmo, quando tu se depara com aluno, aí tu vai buscar, ou vai procurar entender mais sobre aquela deficiência [...]

Acho que contribui né, mas acho que quando vai pra prática mesmo e ver qual é a realidade, e ver o que a criança pode[...]+ (Profª Cintia)

A colaboradora Elizandra, conta que são muitas dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão, e que é na prática, na procura diária que o conhecimento é adquirido. Segundo Mittler (2003), é durante o percurso dessa jornada que os professores constroem e ampliam suas habilidades sobre as experiências que já possuem com o objetivo de alcançar todas as crianças e suas necessidades de aprendizagem. A colaboradora aponta que as formações ajudam a saber os limites e até onde pode-se trabalhar e incentivar a prática para o aluno incluído.

%tu consegue identificar às vezes o problema, mas o teu dia a dia trabalhar, assim adentro dos esportes assim é complicado tá, tem que i a tua prática e tentar buscar as coisas assim ó, porque assim é muito bonito no papel, muito bonitinho no papel, vem pra cá é uma luta [...] A realidade mesmo é a gente que tem que buscar, é a prática [...] sinceramente eu não tenho preparo pra trabalhar com a inclusão, não é que a gente não vai em busca [...]+ (Profª Elizandra)

Conforme os dados desta categoria, pode-se dizer que o saber docente não está sendo trabalhado, não está sendo incentivado para que os professores possam ter conhecimento de como agir diante a inclusão, eles mesmos criam maneiras e possibilidades para que o aluno seja aceito na sua turma e na escola. É preciso que os professores tenham mais oportunidades de aperfeiçoamento em sua formação, atualizando-se devido as mudanças em sua profissão, para que possam utilizar deste saber proporcionando uma convivência prazerosa entre os alunos incluídos com toda a comunidade escolar, além de estarem preparando este aluno para viver em sociedade.

4.4 INCLUSÃO: DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ESCOLA

Através desta categoria, observa-se onde cada professor sente dificuldade em trabalhar a inclusão na escola, e qual as situações que podem ajudar

esses professores a incluir os alunos com Necessidades Educacionais Especiais na turma durante suas aulas.

A inclusão segundo Booth (1999, apud MITTLER PETER, 2003), é o processo de participação dos aprendizes na escola e de reduzir a sua exclusão com relação ao currículo, à cultura e as comunidades das instituições educacionais existentes.

A princípio a colaboradora Prof^a Elizandra comenta, que a inclusão só acontece se a criança aceitar, isso pode depender de cada patologia do aluno com Necessidade educacional especial, alguns podem ser de fácil socialização, outros podem apresentar uma certa rejeição na inclusão, sendo o professor o mediador deste saber para conquistar a inclusão no decorrer do ano letivo.

%.] depende muito também da criança né de como ela é, que tem criança que interage mas tem criança que não [...]+(Prof^a Elizandra)

Ela afirma ainda que muitas vezes a inclusão não é possível por falta de espaço adequado para a prática. As dificuldades encontradas por esta colaboradora devido a inclusão em suas aulas, acontece por ter um local impróprio para trabalhar.

Conforme Mittler (2003, p. 25),

[...] no campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola.

O autor ainda comenta que isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisição acadêmicas dos alunos, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação.

Elizandra comenta ainda que:

%.] os alunos sentem dificuldade, olha ai né pra trabalhar, tu não consegue trabalhar um esporte direito, tu não consegue não tendo uma quadra, vai ficar só em brincadeiras e jogos, é difícil claro, mas enfim e os mais velhos a idade ali que vai pedindo, eles não querem né, um basquete, um vôlei, tudo improvisado+ (Prof^a Elizandra)

Baseando-se na fala da colaboradora Elizandra, percebe-se que a inclusão é mais fácil de trabalhar enquanto são pequenos, a partir do momento em

que vão crescendo, passando de ano, se torna mais difícil, pois os alunos incluídos e os ditos %normais+ acabam querendo aprender mais, e devido ao local para a prática se torna difícil de fazer a inclusão, no caso desta escola.

A colaboradora Cintia relata também que enquanto são pequenos se torna mais fácil de incluí-los.

%p.o.] quanto menores eles são, mais compreensivo os colegas são, porque já começa a criar um habito de convivência com aquela criança desde de pequena né. As vezes a criança olha assim com um olhar diferente, mas depois eles vão conhecendo mais o coleguinha, vão se adaptando, respeitando os limites+ (Profª Cintia)

Comenta Fonseca (1995 p.196), que a +[...] integração deve ser feita o mais cedo possível, porque as crianças deficientes são mais rapidamente aceitas quando são mais jovens+.

Pode-se observar que a inclusão no que se refere aos colegas é bem aceita, todos constroem uma amizade e aceitam as diferenças, tendo curiosidade às vezes em saber por que o colega é diferente, mas sem preconceito e contribuindo para sua inclusão.

Perguntaram-se as colaboradoras se os pais desses alunos incluídos reconhecem o trabalho delas na escola com seus filhos, se existe alguma preocupação da parte dos pais em saber se o filho está tendo alguma evolução nas aulas.

Elizandra ao responder esta pergunta demonstrou certo desanimo, ela comenta que se os pais procurassem por ela na escola ajudaria muito no seu trabalho na Educação Física.

%Não tem essa preocupação de saber como que ta o filho [...] Fica mais difícil, bem mais difícil [...] não sei se a gente já vem de uma sociedade até que os pais as vezes já rejeitam, não é que rejeitam, não aceitam o filho assim[...]+(Profª Elizandra)

%Eu sempre converso com as mães, as mães, essas duas mães, que eu tenho este ano, elas sempre vem conversar comigo, elas perguntam como é que eles estão e tal, as vezes até perguntam, o que eu posso fazer pra ta ajudando um pouquinho

em casa [..], assim, eu acho que elas se importam que se preocupam que dão uma atenção+ (Profª Heverlin)

%, eles sempre vem na escola [..], Sempre tenho apoio da direção e dos pais+ (Profª Cintia)

Diante das respostas das colaboradoras, a maioria dos alunos contam com pais participativos em sua vida escolar, mas existem também alguns pais que não tem essa aproximação com a escola. Falta ainda um interesse em saber como o filho está se desenvolvendo diante das atividades realizadas através dos professores. Este contato com a escola e com os professores ajuda na evolução do aluno, no caso da colaboradora Heverlin, ela tem a participação dos pais na obtenção de informações de como o filho é em casa, pra saber como ela pode agir com ele na escola, essas informações pode contribuir muito no desenvolvimento e socialização do aluno.

Os professores tem a obrigação e a necessidade de avaliar os alunos, para conhecê-los e saber de seus progressos, possibilitando a identificação do que ainda precisa ser trabalhado. Além disso, a avaliação é um instrumento para possíveis revisões nos processo de ensino, ou seja, uma análise avançada sobre a prática pedagógica do professor. Sendo assim, perguntei as colaboradoras de que forma elas avaliam estes alunos incluídos, principalmente aqueles que possuem algum tipo de necessidades especiais que muitas vezes não conseguem fazer alguma atividade na prática.

%Boa pergunta, boa pergunta, porque em termos de avaliação na verdade, a gente nunca teve[...] uma explicação de como avaliar na Educação Física, porque é bem complicado tá, se tu parte da teoria que tu da conteúdo, tudo bem tu cobra, ai o que tu avalia? Tu avalia comportamento, tu avalia a participação do aluno, tu avalia a disciplina deles, o respeito, mas em termos de rendimento, não tem como tu avaliar, tipo, a porque o aluno não rende, não sabe, o aluno não consegue. Não consegue agora, mas depois ele consegue, é uma coisa ée como eu vou dizer, são passos né que ele vai, principalmente os pequenos né, os pequenos tu não vê de uma hora pra outra assim a resposta é uma coisa mais demorada+ (Profª Elizandra)

Na fala desta colaboradora, percebe-se uma dificuldade em avaliar seus alunos incluídos, pois a avaliação para muitos parte do princípio que se avalia através da evolução dos alunos, mas muitos casos de alunos com necessidades educacionais especiais a evolução é lenta, para ver resultados é mais demorado. Os professores poderiam ter uma orientação de como avaliar esses alunos, pois como fala a colaboradora Elizandra, os professores nunca tiveram uma %explicação de como avaliar+.

A colaboradora Heverlin, faz sua avaliação durante a prática, e também na teoria, dando oportunidade a todos os alunos de alguma maneira mostrar o que aprenderam durante as aulas.

%Não só prática, às vezes dou algum trabalho pra eles escrito, ou o própria rendimento deles aos pouquinhos, porque infelizmente não é porque eles não querem né, a gente sabe as dificuldades deles a limitação+ (Profª Heverlin)

%A avaliação é descritiva, eu busco sempre falar o desenvolvimento da criança, quais os processos, a evolução que ela teve durante o trimestre, independente da série é descritiva+ (Profª Cintia)

As colaboradoras avaliam através de práticas, teorias, participação dos alunos e respeito. Conforme a professora Elizandra é difícil de ser avaliado um aluno onde seus progressos são lentos, ela comenta que quando a avaliação é através de nota fica mais difícil. A colaboradora Cintia, fala que suas avaliações são descritivas independente da idade, assim podendo falar passo a passo a evolução do aluno no trimestre. O método de avaliação depende de cada escola decidir de que forma avaliar o aluno, quais os meios que serão mais precisos para identificação da evolução conquistada por eles se é através de notas ou avaliação descritiva.

A colaboradora Profª Heverlin, fala durante a entrevista alguns casos de inclusão que ela já teve no decorrer de sua carreira, mas a maior dificuldade que ela encontrou foi a inclusão de alunos com deficiência mental.

%p.a.] eu tive crianças especiais, na outra escola também, tive até era mental severo, foi bem complicado assim de trabalhar, porque ela não parava queria fazer tudo do

jeito dela assim, é bem difícil [...] o problema maior eu vejo quando o problema é mental[...]+(Profª Heverlin)

Segundo a colaboradora, quando o problema não é mental, é de locomoção, fica mais fácil de trabalhar, pois o que for falado ou explicado ele vai entender, talvez não consiga fazer a atividade, mas consegue entender o que esta sendo desenvolvido.

%.] tanto esses dois alunos que eu tenho, eles não tem problema mental, então eles entendem o que tu fala o que tu diz né, então é bem tranquilo em relação ao entendimento deles [...]+ (Profª Heverlin)

Esta mesma colaboradora ainda comenta que gosta de estar sempre dando atenção para estes alunos com necessidades educacionais especiais, ela gosta de insistir que eles façam as atividades, se eles não conseguem fazer do jeito que ela explicou, ela pede pra que tente de outro jeito, mas que se esforcem em fazer.

Í Eu procuro conversar bastante com eles assim pra insistir, eu sou daquelas assim bem chata, que ta sempre conversando perguntando, há porque tu não quer fazer, vai lá fazer, ensino, dou mais atenção pra este que não ta querendo fazer [...]† mas assim ó, eu não tenho uma aluna, eu tenho trinta[...]+(Profª Heverlin)

O professor além de não estar preparado para trabalhar com a inclusão ainda passa por situações em que o número de alunos é alto para poder desenvolver o pouco que sabem, situações estas que se torna complicado de conseguir dar atenção a este aluno. Atenção esta que poderia fazer com que o aluno tivesse um progresso mais rápido, pois se o professor consegue dedicar grande parte de sua aula para o aluno, ele terá também além da dedicação do professor, uma motivação maior e entusiasmo para conseguir conquistar aquele certo movimento em devidas atividades e ter uma melhor socialização com os colegas. Se o professor consegue ter essa aproximação com o aluno no inicio do ano letivo, depois ele poderá deixar com o aluno mesmo parta de sua própria vontade e dedicação em participar da aula.

Com todas as informações mostradas nesta categoria, pode-se dizer que são muitas as dificuldades encontradas ainda nesta longa jornada. Cada professora apresenta alguma dificuldade, tanto com os pais, espaço impróprio na escola para a prática, métodos de avaliação ou até mesmo dos próprios alunos incluídos. Os professores sozinhos nesta caminhada torna mais difícil de fazer um bom trabalho.

Para Voivodic (2004), o termo inclusão, do verbo incluir, significa compreender, fazer parte de, ou participar. Participação é uma necessidade fundamental do ser humano, e o homem só terá possibilidade de total desenvolvimento numa sociedade que permita e facilite sua participação. Portando para que os professores possam fazer a inclusão acontecer eles precisam da colaboração de toda comunidade escolar, dos pais e do poder público, podendo assim fazerem um trabalho com muito sucesso.

5.CONCLUSÃO

É fato que as crianças especiais estão mais expostas a riscos e discriminações. Em Alguns países, elas não têm direito sequer de freqüentar uma escola. Muitas vivem escondidas e são tratadas como inferiores.

No Brasil apenas 0,71% do total de matriculados em todos os níveis educacionais é de pessoas com deficiência. No ano de 2001, apenas 4% dos alunos matriculados na alfabetização tinham algum tipo de necessidade especial. Esses números diminuem significativamente para o Ensino Fundamental (0,6%) e Médio (0,0%). Isso diz que ter uma deficiência aumenta em quase quatro vezes a possibilidade de um adolescente alcançar os 17 anos não alfabetizado, (MEC).

Retomando o objetivo deste estudo, que é compreender como os professores buscam o conhecimento sobre a inclusão, para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física em suas turmas comuns do ensino fundamental. Entendo que falta muito ainda para uma educação inclusiva realmente, uma vez que a falta de estrutura docente, de conhecimento teórico e prática destes professores, deixam muito a desejar para com os ANEE.

Através dos dados coletados, viu-se que todas as professoras entrevistadas tiveram um contato direto com a Educação Física durante sua vida escolar e com o esporte de rendimento, e isso fez com que as mesmas optassem pela formação na área. Este é um fenômeno muito comum até a metade da primeira década dos anos 2000. Atualmente não observamos, com tanta frequência, que a participação em atividades esportivas sejam o fator primordial para escolha do curso de educação física. Através da Graduação elas observaram e acham muito importante a disciplina da Educação Física na escola, pois sabemos que é importante na fase de crescimento das crianças, melhorando o convívio social, integrando e propiciando a formação de amizades entre as mesmas.

Os professores desta pesquisa, foram em busca de uma especialização depois que houve um contato com o ANEE. As grades curriculares da Educação Física deixam a desejar quanto à preparação dos acadêmicos para trabalhar com essas crianças e também após a formação da graduação há desinteresse na busca pela formação contínua, e isto não é imposto pelos dirigentes das escolas.

Visto também nessa pesquisa, que as entrevistadas afirmaram que há cursos privados e também pelo governo na área da inclusão, e que elas já fizeram

alguns, e mesmo assim elas afirmam que os cursos são bons, mas é na prática que elas aprender melhor. Sabemos que constantemente surgem estudos/pesquisas sobre o assunto e que os educadores têm que serem incentivados a ir à busca do aperfeiçoamento de seus conhecimentos para melhor ensinar e proporcionar aos ANEE o que há de mais inovador na área da inclusão.

Na grande maioria das vezes em que uma escola é autuada por não estarem atendendo os alunos especiais, se justificam pelo despreparo de seus professores para essa tarefa e também quando incluem a escola não está preparada para recebê-los, com espaços para a prática das atividades, materiais, capacitação, e outros. Existem também os que não crêem que os alunos inseridos nesse novo espaço possam tirar benefícios dessa situação, especialmente os casos mais graves, acreditam que não teriam condições de acompanhar o avanço na aprendizagem e nem de serem avaliados junto dos demais colegas e seriam ainda mais discriminados do que nas classes e escolas especiais.

Então fica ai a pergunta: Muda-se a escola para a inclusão ou mudam os alunos para se ajustarem às suas velhas exigências? Ensino especializado em todas as crianças ou ensino especial para deficientes? Que no caso fugiria da lei da inclusão. Professores que se aperfeiçoam para exercer suas funções, atendendo as peculiaridades de todos os alunos, ou professores especializados para ensinar aos que não aprendem e aos que não sabem ensinar?

Sabe-se que muitos professores de Educação Física atuantes nas escolas não receberam em sua formação conteúdos pertinentes a Educação Física inclusiva.

Percebe-se que as aulas de Educação Física podem colaborar muito com o aluno incluído, pois durante as atividades ele terá mais proximidade com seus colegas, através de brincadeiras ou jogos, possibilitando o tato, a interação e uma maior socialização entre eles. Cabe a Educação Física oferecer aos alunos oportunidades de experiências de movimentos de modo a garantir seu desenvolvimento e atender as necessidades de movimentos de cada indivíduo.

Toda criança precisa da escola para aprender, para interagir com outras, enfim para se desenvolver e não para ser segregada em classes especiais e atendimentos à parte. Garantir esse direito de inclusão é uma batalha a ser vencida e também um desafio que precisa ser assumido por todos os educadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Disponível em: www.educacaoinclusivasapucaiadosul.blogspot.com/2010/06/decreto-n-6571-de-17-de-setembro-de.html/ acessado em dia 15/08/11 às 09:20 am

_____. Ministério da Educação. **Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional, Lei nº 9394, 1996.**

_____. **Plano Nacional da Educação de 2011-2020.** Disponível em: www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-emidia/noticias/12514/mec-divulga-plano-nacional-de-educacao-2011-202/ acessado em dia 16/08/11 às 10:15 am

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, 2002.

CLARK, Frank. A. **Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele provavelmente não leva a lugar nenhum.** Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NjIwMzM2/> acessado dia 21/11/2011 às 11h54min am.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme. **Formação Inicial: Uma Experiência Crítico-Reflexiva no desenvolvimento da Educação Física Inclusiva.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria, RS. 2006.

CRISTINE, Elen. **A importância da formação contínua.** Disponível em: www.mundoeducacao.com.br/educacao/a-importancia-formacao-continua.htm, acessado em dia 20/11/11 às 10:37am

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Espanha: Salamanca, 1994.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação.** 11^o edição. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Centauro, 2001.

FONSECA, Vitor. **Educação Especial: Programa de estimulação precoce uma introdução as idéias de Feuerstein.** 2^a edição. Ed Artmed. Porto Alegre, 1995.

GAIO Roberto, MENEGHETTI Rosa. Gitana. Krob. **Caminhos pedagógicos da Educação Especial.** Petrópolis; Vozes, 3^a ed. 2004.

GAUTHIER, Clermount. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Ijuí: Unijuí, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo. Ed. Atlas, 2003.

MAZZEU, Francisco José Carvalho. **Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social**. Cad.CEDES vol.19 n.44 /Campinas - SP, Apr.1998.

MAZZOTA, Marcos J. S. **Trabalho docentes e formação de professores de Educação Especial**.1ª ed., São Paulo, E.P.U. Ltda, 1993.

_____, Marcos. J. S. **Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas**. 5 ed. São Paulo. Ed. Cortez, 2005.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva**, contexto sociais, 1ª ed., Porto Alegre, Artmed, 2003.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto.Nibaldo.Silva.(org). A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: editora UFRGS/Sulina, 2004.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão intridutória**. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto.Nibaldo.Silva.(org). A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: editora UFRGS/Sulina, 2004.

PARKER, Richard; REA, Louis. **Metodologia de pesquisa**: do planejamento a execução. São Paulo. Pioneira. 2000.

PEREIRA, Júlio Emilio Diniz. **Formação de professores**: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; SOCORRO, Maria Lucena Lima. **Estagio e docência**. São Paulo; Cortez 2004.

SHIGUNOV Viktor, SHIGUNOV Neto Alexandre. **A formação profissional e a prática pedagógica**: ênfase nos professores de Educação Física, Londrina/PR, Midiograf, 2001.

SHIGUNOV Neto, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre/RS: Ed. Mediação, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O professor e o combate à alienação imposta**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional do jovem e do adulto**. São Paulo: Summus, 2002

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4^a ed., Petrópolis/RJ, Vozes, 2004.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de down**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

APÊNDICE

APENDICE A Ë ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ADRIANA, 40 ANOS Ë ESTADUAL

Faz , muito tempo que tu trabalha aqui na escola?

Aqui na escola faz 10 anos desde 2001

Se formou em que ano? E onde?

94 na unesc, na época Fucrí, (risos).

Fizeste alguma especialização depois da formação?

Fiz, fiz pós graduação é manutenção e promoção da saúde . **2001 a 2003**

O que te levou a procurar a área da educação física?

Desde de criança na verdade eu sempre gostei muito assim, de ta jogando de ta participando de dança principalmente, tudo quanto era dança na escola eu sempre participava sempre tudo que tinha eu tava presente, gostava muito de basquete também,e uma que eu gosto muito assim, da área da saúde em sim, se não fosse Ed. Física seria alguma coisa relacionada a saúde, deu certo Ed. física fiz gostei, mas se não fosse Ed. Física podia ter certeza que era alguma coisa relacionada a saúde, que não ia sair dessa área. Educacao fisica relacionada a saúde.

Durante tua formação teve alguma disciplina sobre inclusão escolar na tua faculdade?

Não, inclusão escolar não, ó a única coisa que a gente fez foi estágio na APAE, nós fizemos estágio na APAE, mas inclusão, uma disciplina com aaa inclusão não, nenhum.

Se formou em 94 e não tinha nenhuma disciplina?

Não, não tinha nenhuma.

E na tua época de escola assim, de aluna, tu lembra se tinha algum aluno incluído se tinha algum aluno com deficiência?

Não, não lembro de nenhum.

E Como que hoje tu trabalha, como tu lidá hoje com esse alunos incluídos, ou até mesmo aqueles alunos que as vezes tem vergonha de praticar a aula, porque não tem habilidade?

Eu procuro conversar bastante com eles assim pra insistir, eu sou daquelas assim bem chata, daquelas bem chata que ta sempre conversando perguntando, há porque tu não quer fazer, vai lá fazer, ensino, dou mais atenção pra este que tá, é que não ta querendo fazer, porque são poucos os casos mais existe. E aqueles que contam com os casos especiais que eu tenho dois casos especiais na 6º série, e tanto um quanto o outro a limitação deles dificulta bastante, porque eles é a parte motor

né, a parte motora, então a menina senti muita dor, ela faz o mínimo do mínimo mas ela tenta fazer, e o que ela mais participou foi na parte que eu trabalhei dança, que daí era um pouco mais leve pra ela, mas quando éee que envolve muita corrida ou que tem que ta segurando muita coisa com a mão, porque o problema dele é na perna e na mão então ela tem bastante dificuldade, e ela quando ela faz também, ela coloca botox, porque ela senti muita dor, então a mãe dela veio conversar comigo pra não ta insistindo tanto, ela faz dentro do limite dela. E o outro menino ele usa muleta então ele, pra ele ta andando ele precisa se apoiar na muleta então o que eu procuro fazer com ele é também, já conversei com a mãe dele como ele é em casa, se ele anda solto sem muleta, então assim ó, eu também faço com que ele largue um pouco a muleta na aula, é claro que toda a turma procura ter um certo cuidado com ele né, se não, não da certo, mas a turma assim ajuda bastante, ele tenta fazer alguma coisa, é pouco ainda, eu acho pouco, eu acho que ele teria condições de fazer mais, mas ele ainda se senti muito inseguro em relação ao equilíbrio ele tem medo, ele tem vergonha, de há não se acontecer de ele cair, mas de forma assim, no geral assim, até que ele ta conseguindo fazer, mas assim, aos pouquinhos assim, sabe, é da 6º da mesmas turma, na dança ele tem vergonha, ele fica com medo, será que eu não vou cair, ele fica bem, e a outra menina também, a outra menina, ai to com muita dor e tal, não, não mas vamos fazer alguma coisa, se não dá assim, vamos fazer desse jeito.

E qual a maneira que tu avalia eles daí? É na pratica mesmo então?

Não, não só prática, às vezes dou algum trabalho pra eles às vezes escrito, ou o própria rendimento deles aos pouquinhos, porque infelizmente não é porque eles não querem né, a gente sabe as dificuldades deles a limitação.

Enquanto a inclusão, tu procura alguma formação?

Na pós eu tive sobre a inclusão, que a gente fez sobre, fizemos duas disciplinas, sobre a inclusão, aa e cursos também, tem vários cursos assim, em relação à inclusão, não só aqui na escola eu tive crianças especiais, na outra escola também já tive especiais, tive até era severo, era mental severo, foi bem complicado assim de trabalhar, porque ela não parava queria fazer tudo do jeito dela assim, é bem, bem difícil, na verdade quando, quando o problema é motor, ée se ele ta numa cadeira de roda ele vai fazer numa cadeira de rodas, mas ele faz, ainda....., e quando é a parte de locomoção que ele não ta numa cadeira ou como no caso desses dois alunos, ele tem que tentar e fazer com que ele tenha um pouco mais de equilíbrio pra eles tentar fazer alguma coisa, o problema maior é eu vejo quando o problema é mental, tanto esses dois alunos que eu tenho, eles não tem problema mental, então eles entendem o que tu fala o que tu diz né, então é bem tranquilo em relação ao entendimento deles, ée derrepenti assim, eles não são de fazer toda aquela prática, porém eles são de perguntar, tirar dúvidas, a professora eu assisti tal coisa, ée essa modalidade lá na TV é assim mesmo? Como é que é essa regra? Então eles são de questionar de perguntar, então assim ó, querendo ou não eles estão participando.

Em relação aos alunos como tu lida assim com a turma né, os chamados normais pra conseguir conciliar eles a entender isso, tu faz algum trabalho diferenciado assim, no primeiro dia de aula, talvez, fazer uma recepção, pra trabalhar isso?

Assim, aqui na escola com esses dois alunos, não teve problema nenhum assim não foi preciso nada, porque eles eles já chegaram, na verdade eles já estavam inclusos na turma, eu acho que se eu fizesse um trabalho assim eu ia discriminá-los, eu ia excluí-los, eu cheguei depois então eles já estavam inclusos, então assim não tinha muito o que fazer, eles já estavam ali, estavam inclusos, a turma toda adoram os dois, tanto um quanto o outro, todo mundo se da bem com os dois, então assim, nunca tive problema. Eu Já tive na escola também uma aluna que era, que tinha deficiência auditiva, ai também assim, ela, era muito assim, fala muito perto dela, fala muito a através dos lábios, ela sempre devagar os lábios, p ela tentar ler, complica muito na pratica, mas era tranquilo, eu acho que na Ed. Física a gente não tem tanto problema, acho que meu maior problema, foi quando eu peguei uma menina q ela não tava numa cadeira de roda mas ela também não andava e também não andava de muleta, e na aula de Ed. Física eu tinha que tá segurando a menina, então assim ó poxa, eu não tenho uma(1) aluna, eu tenho trinta(30), e dae como é que tu faz isso? Aí assim, foi conversado muito, ai depois de muitos anos a mãe viu que era necessário pelo menos a cadeira pra menina ta fazendo né, naquele momento.

E assim, na tua matriz curricular não tivesse nenhuma disciplina, fizesse o estagio na APAE e teve algum estagio não obrigatório que tu fez em escolas e tinha alunos incluídos, que dae tu pode lidar já, antes da tua vida profissional já lidar com isso?

Não. Nas escolas, os estágios normais que eu fiz sem ser na APAE? Não, porque foi depois daquela época que começaram a incluir os alunos né, não tinha era só os ditos normais mesmo.

Esses cursos que tu teve fazendo depois da tua formação, tu acha que eles te ajudaram, foi bom pra ti, na tua vida profissional ou assim não influenciou muito na verdade e o que tu aprende é ali no dia a dia trabalhando?

Assim ó, o da pós ajudou bastante, até porque a gente viu, aa as deficiências a evolução que elas podem ter, é como cuidar, muitas vezes porque, a não, síndrome de down, ele não deve ta virando muita cambalhota, óo alguma coisas que pode ta aprendendo sim, aprendi nos curso. Mas ée na parte prática a gente aprende muito mais, assim ó, imagina tu vai lá faz os curso e tal, tu sempre aprende algumas coisinhas nos cursos, mas a prática faz muita diferença.

Esses cursos que tu fez na verdade foi só teórico, não foi levado pra nenhum lugar pra depois poderem lidar com isso?

não, nenhum dos dois, nem na pós nem nos cursos

Ta, e tu acha que o teu trabalho dentro da escola, ele é reconhecido com a inclusão,é reconhecido pelos outros professores, pela comunidade escolar, até pelos pais dos alunos?

Em relação a estes alunos que eu tenho especiais? Eu acho, eu imagino que sim, pelo menos eu sempre converso com as mães, as mães, essas duas mães, é que eu tenho este ano, elas sempre vem conversar comigo, elas perguntam como é que eles estão e tal, as vezes ate perguntam, aa Adriana o que, que eu posso fazer pra ta ajudando um pouquinho em casa, é pra ta fazendo mais, assim, eu acho que elas se importam que se preocupam que dão uma atenção.

Sabe em media quantos cursos tu faz num ano?

É que assim, na prefeitura a gente faz formação e geralmente na prefeitura eles também fazem bastante cursos inclusão, assim sempre tem, pelo menos uma por ano tem alguma coisa q seja na inclusão, alguma coisa.

Cursos fora da prefeitura?

Faço também, não muitos, hoje não tantos, mas fiz bastante

ENTREVISTA COM A PROFESSORA BRUNA - 28 ANOS É PARTICULAR

Como eram as tuas aulas de Educação Física?

Eram bastante brincadeiras, e quando eu fui pra uma escola maior ai cada bimestre era uma modalidade esportiva, era atletismo, vôlei, basquete e handebol, escola grande que digo era uma escola particular.

O que te motivou a procurar a área de Educação Física?

No começo, foi na quarta série eu nunca esqueço que quando eu fui jogar vôlei eu levei uma bolada na cara e todo mundo começou a rir de mim (risos), aí apartir daquilo eu comecei a me superar né, e sempre querer praticar bastante esporte, eu comecei a gostar, aí eu comecei a sempre ser líder esportiva, porque na época tinha os lideres de classe e os lideres esportivos, dae como eu me destacava nos esportes eles me escolhiam. Até eu levar esta bolada eu era meio patona, a bolada que me incentivou a procurar os esportes.

Em que ano tu se formou, e onde?

Me formei em 2005, pela UNESC, era Licenciatura plena.

Fizeste alguma especialização depois?

Fiz em Educação Física escolar, pelo IPG, na ESUCRI em 2008, 2009.

E tu lembra se na tua matriz curricular, na tua formação, tinha alguma disciplina relacionado a inclusão, a crianças especiais?

Tinha, tanto na pós, quanto na faculdade.

Lembra quantas disciplinas tinham na faculdade?

Eram duas se não me engano.

Tu acha que essas disciplinas te ajudaram pra tua vida profissional?

Sempre contribuem de alguma forma, só que no meu estágio na área da inclusão eu achei bem difícil assim, a prática né, não foi uma coisa que eu me identifiquei muito, mas foi legal, foi bom pro conhecimento.

Esses estágios é no final do curso?

Acho que era na 6 fase.

Vocês que iam procurar a escola?

Não, todos faziam na APAE.

Fizeste algum estágio não obrigatório?

Não, não fiz nada. Eu estagiava mais não era com especiais.

E de que maneira assim, tu procura conhecimento quanto a inclusão?

Curso eu fiz um de inclusão, e é mais na prática mesmo, quando tu se depara com aluno, aí tu vai buscar, ou vai procurar entender mais sobre aquela deficiência.

Tu procura ter contato com os pais dos alunos pra ver como eles são em casa pra poder lidar com eles aqui na escola?

É, eles sempre vem na escola.

Os pais mesmo que te procuram?

Os pais. E é legal que eles tem um outro profissional também né, fisioterapia, tem outro profissional lidando com eles né. Não só na escola.

Faz quanto tempo que estas aqui na escola?

3 anos.

Como tu faz pra avaliar esses alunos especiais?

A avaliação é descritiva, eu busco sempre falar o desenvolvimento da criança, quais os processos, a evolução que ela teve durante o trimestre, independente da serie é descritiva.

Esse cursos oferecidos, tu acha que ta ajudando a lidar com a inclusão hoje? Tu acha que eles estão ajudando a compreender a deficiência de cada criança?

Eu acho que contribui né, mas acho que quando vai pra prática mesmo e ver qual é a realidade, e ver o que a criança pode, porque as vezes elas se superam também né. Mas é bom.

E quanto aos alunos ditos normais, eles colaboram com o colega que ta sendo incluído?

Eu nunca tive problema quanto aos colegas, mas quanto menores eles são, mais compreensivo os colegas são, porque já começa a criar um hábito de convivência com aquela criança desde de pequena né. As vezes a criança olha assim com um olhar diferente, mas depois eles vão conhecendo mais o coleguinha, vão se adaptando, respeitando os limites.

Tu acha que esta inclusão que ta sendo trabalhada bastante hoje em dia, ela ajuda mais o aluno incluído a aceitar que ele são diferente dos outros colegas? Ou os ditos normais a aceitarem que existem diferenças?

Acho que beneficia os dois né, tanto pra quem recebe o incluso e aquele que ta sendo incluídos né, eles tem suas diferenças.

Tens apoio da comunidade escolar, é reconhecido teu trabalho dentro da escola?

Sempre tenho apoio da direção dos pais.

Este ano tem algum aluno incluído nas tuas turmas?

Aqui na particular não. Eu trabalho em uma outra escola, só que é municipal, tem uma aluna incluída no pré, e ela tem deficiência motora na parte inferior das pernas, ela anda arrastando o pé e meio torta assim, e as próprias crianças dão a mão pra ajudar. E nas atividades, claro que ela faz no limite dela, só que ela cai, aí eles já vão pra querer ajudar, e ela mesmo diz que não precisa, e eles já conhecem ela e já vão querer ajudar. Se é uma atividade mais intensa que ela talvez não vai conseguir, esperam ela fazer se é uma atividade de estafeta que tem que esperar um de cada vez, ela demora mais, mas não reclamam que ela ta demorando, são bem compreensivos, ela entrou no meio do ano e já aceitaram ela. No começo eles perguntavam o que ela tem na perna, e ela mesmo respondia.

E tu achas que a inclusão acontece mais na particular, já que tens experiência com a particular e municipal?

Eu acho que na municipal, eles são mais calorosos assim, são mais abertos pra receber essas diferenças, na particular eles já olham meio com um pouco de receio, sei lá, acho que já é o meio que eles vivem né, talvez pelo financeiro ser melhor, não é tão normal no meio de convívio deles ver uma pessoa diferente né.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA JAQUELINE - 42 ANOS É MUNICIPAL

Tu lembra como era tuas aulas de Ed. Física na escola, quando tu era estudante?

Lembro.

Como que era?

Ai e agora.

Os professores tinham algum método assim, alguma maneira de dar aula?

Hoje é bem mais tradicional né, não tem muita, eu sei que no primário, não eu sei, eu não lembro, mas assim no ginásio ali, até a 8º, 1º ano, olha não via nada assim, também como é que a gente pode entender na época, não tinha noção né. Mas o 2 ali era voltado mais para parte esportiva, mais direcionado ao esporte mesmo né, pra gente competi né, tinha a OLIERE, era bem assim direcionado bem a parte esportiva, ao desporto, e de 5 a 8 também, atividades normais, jogos brincadeiras.

O que te motivou assim, a procurar a área da Ed. Física?

Aaaa, eu gostava muito, a parte esportiva, a parte da Educação Física, não é que eu me destacava, me destacava também, não é que eu não era, mas é que eu gostava, eu gostava de esporte, sempre gostei de esporte, desde pequena, assim na escola mesmo, éeee, **eu me, me identificava nas aulas de Ed. Física, eu gostava mesmo, participava de tudo, jogos, direto, direto, direto.** E ai sempre pensei, não, se for pra trabalhar com escola, vai ser direcionado a isso, se não fosse Ed. Física, artes, eu gostava muito de artes também, parte de pintura , desenho, sabe assim aquela coisa que te chama atenção, era assim.

Em que ano tu se formou?

91, era licenciatura plena, era a antiga FUCRI, escola superior de Ed. Física.

E tu fez alguma especialização depois?

Eu fiz a pós relacionada à atividade física e promoção e manutenção da saúde, foi assim o tema da minha pós.

Foi onde tu fez?

Eu fiz na, ali no colégio Rogacionista aquela da, da Vinci, Leonardo da Vinci da uniaselve.

Em que ano, tu lembra?

Ai agora tu me pegou, eu fiz a Pós aqui, acho que foi em 2002, não, eu me efetivei, aqui eu me efetivei em 2000, olha foi pra 2001 pra 2002, mais ou menos, me efetivei em 2000, ata dae a gente teve aqueles 3 anos de estágio pra depois nós prestar os cursos né, Aaa mais ou menos assim ó 2003.

E aqui na escola tu estás a quanto tempo?

Entrei aqui, vim como, passei e vim pra cá.

Quando abriu?

Não já tava né, já tinha 2 anos já, entrei em 2000 e pouco, 10 ano já.

Então tu gosta de trabalhar aqui?

Não eu gosto da escola, eu gosto do pessoal, a única coisa que agora, sei lá tá me, amplia aumenta a escola, e a parte nossa vai ser toda vida assim, é em todas as escolas é assim, não é uma só não,

sempre é deixado de lado, ai não sei acho uma coisa assim todos os diretores, não todos mas acho que deveriam passar assim, um professor de cada, tipo assim, o que o Victor falou ontem lá, que tem um colégio municipal no RS, a professora, a diretora é uma professora de Ed. Física, pra ver quanto a gente passa trabalho e dar valor também ó, fazer uma forcinha, porque a escola não é só sala de aula, e os alunos com problema de coordenação, equilíbrio, como eu faço aula com eles aqui nessa barro, os alunos sentem dificuldade, olha ai né pra trabalhar, tu não consegue trabalhar um esporte direito, tu não consegue, não tendo uma quadra, vai ficar só em brincadeiras e jogos, não é difícil, claro, mas enfim e os mais velhos a idade ali que vai pedindo, eles não querem, né um basquete um vôlei, tudo improvisado, não tem, handebol não deu pra gente fazer, não tem uma área não tem nada, ai o popular é isso ai ó, o vôlei que da pra improvisar alguma coisa, mas tu vê o espaço também é pequeno, porque não botam lajota, fazem uma mini quadra ali.

Ta assim, jaque na tua formação tu lembra de alguma disciplina com crianças especiais, relacionada a isso? Na faculdade?

Na faculdade. Ó Edna disciplina pra trabalhar com eles, não tive Edna, eu não tive, tu vai buscar depois né, ai através de cursos, formação, palestras, mas eu não tive.

E tu não lembra de nenhum estágio?

Estagio eu trabalhei na APAE

.

Aquele estágio obrigatório?

Sim, aquele que tu entra na escola e vai, bem assim mesmo te vira. Agora tu vai estagiar aqui, agora é lá, agora é no colégio, agora é de primeira a quarta, e assim vai indo.

Então daí, tu faz cursos assim?

Éee, sempre faz cursos não, porque a gente tem bem poucos, tanto no município da Içara como aqui ó, relacionado a inclusão alunos especiais, não tem a gente não tem muito curso relacionado a esse lado não tá.

E já fizesse algum curso desses, ée pela prefeitura né?

Pela prefeitura, mas por criciúma não, eu fiz pela Içara, na Içara.

E tu acha que esses cursos eles te ajudaram assim, a tu conseguir lidar com as crianças especiais na aula?

Tu consegue identificar as vezes o problema, mas o teu dia a dia trabalhar, assim a dentro dos esportes assim é complicado tá, tem que i a tua pratica e tentar buscar as coisas assim ó, porque assim é muito bonito no papel, muito bonitinho no papel, vem pra cá é uma luta. A Maria Julia ainda vai, já tá, a outra ainda vai, porque depende muito também da criança né de como ela é, que tem criança que interage mas tem criança que não, não tem como, as crianças estão ali brincando e ela ta ali sozinha, ela ta no mundinho dela, não adianta. É a outra também a Julia, lembra, não adianta, já a Maria Julia já da tarde não, já vai ela gosta de brincar. Então assim ó tu que vai buscar rebolar se

virar nos 30 porque, ninguém te diz óoo é assim. A gente identifica o problema, a realidade mesmo é a gente que tem que buscar, é a prática.

O Jaque e assim, tu acha que assim, é reconhecido teu trabalho aqui na escola, quanto aos professores, os pais desses alunos que estão incluídos, eles vem conversar contigo, te procurar saber como tá o aluno?

Não, Não tem, não tem mesmo.

Aí fica bem mais difícil de tu trabalhar com eles né?

Fica, fica mais difícil, bem mais difícil. Oo a mãe da Maria Julia também, nunca perguntou pra mim como que ela tava, como que ela ta na aula, sabe, nunca, nunca perguntou. Mas não tem, não tem, não tem, essa preocupação de saber como que ta o filho, no, não, não sei se a gente já vem de uma sociedade já até que os pais as vezes já rejeitam, não é que rejeitam, já não aceitam né, não aceitam o filho assim, ai pra vir conversar ainda mais, é mais complicado ainda. Vo trabalhar e meu filho ta aqui.

Usam a escola mais como um abrigo?

Ée, é ali ó, fica ai cuidoo né.

E como que tu procura avaliar esses alunos?

Boa pergunta, boa pergunta porque em termos de avaliação, na verdade a gente nunca teve assim, um entendimento um curso assim alguma coisa, sei lá, uma explicação de como avaliar na educação física, porque é bem complicado tá, se tu parte da teoria que tu da conteúdo, tudo bem tu cobra, ai o que tu avalia? Tu avalia comportamento, tu avalia a participação do aluno, tu avalia a disciplina deles o respeito, mas em termos de rendimento, não tem como tu avaliar, tipo a porque o aluno não rende, não sabe, o aluno não consegue, não consegue agora, mas depois ele consegue, é uma coisa ée como eu vou dizer, são passos né que ele vai, principalmente os pequenos né, os pequenos tu não vê de uma hora pra outra assim a resposta é uma coisa mais demorada, mas dizer assim a avaliar, principalmente em termos de notas né, avaliação numérica né, o que é um 8, o que é um 10 o que é um 7 né. 10 num aluno de Educação Física porque? Porque ele é um bom aluno, joga participa, faz tudo, mas é diferente ter um conteúdo na mão, ali é que tu vai pegar, tu vai seguir aquele conteúdo ali, como né, como as disciplinas, disciplinas assim, é diferente, e nós né. E ai principalmente é isso, o que tu vê, a limitação o que é possível pra eles o que tu pode fazer, agora é assim ó, derrepente fiquei até sem resposta Edna porque eu também tenho bastante dificuldade pra avaliar aluno, tenho mesmo, tenho mesmo. É mais fácil tu fazer descritiva e dizer ó ele é assim, do que tu dar um 7 um 8 bem complicado. A to com 3 no boletim, vai com 6 em Ed física, vai com 5, ai mais Educação Física uma nota baixa, Educação Física é só brincar é só jogar, não é. A visão que eles tem é essa, não é essa a visão. Dae é complicado.

Qual a tua visão da Educação Física na escola hoje, o que ela proporciona, principalmente que o meu foco é na Educação especial, então pra inclusão?

Eu acho que assim né, o fato de a criança tá ali, até se entrosar mais com eles, socialização deles, é na Educação Física que tu, porque assim ó, tu vê muita dificuldades de alunos, que tem dificuldade na sala de aula com conteúdos, tem dificuldade com a Educação Física, principalmente aqueles alunos que faltam concentração, que tem dificuldade de se concentrar, que tem né, eles tem esse problema, a gente vê, a gente consegue analisar. Eu tenho uma turma lá na Içara que é a coisa mais engraçada, a turma da manhã, segundo horário, não rende, são despertos, são despertos, são desligados, e é iguaizinhos comigo na minha aula, igualzinho, porque acho que não é, tem atividade que não, porque é reflexo, rapidez deles ali né, e a criança quando tem dificuldade, tem mesmo né, éee igual assim, sei lá, é entrosamento deles eles gostam, é importante, imagina claro que é importante. Tem muitos alunos que através da Educação Física tu, tu detecta um monte de problema também né, as vezes tem alunos que na sala de aula, não é, mais lá na Ed física tem problemas que as vezes gente percebe, e que os outros talvez não percebem.

E assim, quando tu vê um aluno, tipo a Giovana ali que tem uma leve, leve atraso eu acho né, tu tenta insentivar a brincar, participar da aula, ou só ali mesmo com as crianças brincando, fora da atividade que tu táis dando?

Tento, só porque assim é, como eu digo é a Julia, a Maria Julia vamos Julia vamos, ela tá lá direto, a Giovana não, por isso que eu digo depende de cada problema de cada situação né, a giovana não, ela tá ali, mais olha, tu chama daqui a pouco ela já foi, tu vê as crianças estão ali, e olha lá, elas não discriminam ela, se ela quiser entrar, brincar, ela vai brincar, mas olha lá o mundinho dela, é aquele ali.

O que tu acha que poderia ser feito para que os professores de Educação Física estejam mais habilitados para poder estar trabalhando com a inclusão?

Proporcionar mais, trocas de experiências né, a gente um dia ir lá na APAE, um curso lá, com os profissionais de lá, que eles tem mais experiência que a gente, porque é muito fácil falar de inclusão né, meio período na escola, meio período na Educação Especial, e né aqui estamos preparados, sinceramente eu não tenho preparo pra trabalhar com a inclusão, não é que a gente não vai em busca, como seria bem vantajoso ficar um dia lá observar as aulas, como que, com os professores de lá. Um curso teórico que levasse a prática. É ver, aquele ali, aquele lá, como eles trabalham com ele, porque lá tu vai ver uma infinidade de problemas né, que a gente não faz nem idéia que tem, e eles estão lá, interagindo, e não é fácil tá tem que ter um dom muito grande, eu acho né, já não é fácil com as crianças ditas normais, imagina com os especiais. Olha vou ser bem sincera o meu estagio na APAE, foi frustrante pra mim, não é discriminação não, eu não tenho condições, tens que ter um dom muito grande, pra mim não deu, é difícil, foi bem difícil pra mim.

E depois deste estagio tu não teve mais contato com alunos especiais?

Não, não, aí foi assim, foi chegando esses alunos que vem pra gente e tal, mas contato direto não, não tive meu contato é só na escola regular mesmo.

APENDICE B É QUADRO UNIDADES E SIGNIFICADOS E AS CATEGORIAS

Segue abaixo o quadro das unidades e significados e categorias:

Unidades de significados	Categorias
<ul style="list-style-type: none"> ➤ A falta de habilidade incentivou a procura pelo esporte ➤ Se identificava com as aulas de Educação Física ➤ Se destacava nos esportes ➤ As aulas de Educação Física hoje são mais tradicionais <ul style="list-style-type: none"> ➤ Aulas direcionada ao esporte para competição de jogos 	<p>01 Opção pelo formação em Educação Física: do passado ao presente</p>
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Não teve nenhum contato com a inclusão, antes da formação ➤ Não teve nenhuma disciplina relacionada a crianças especiais ➤ Estágio obrigatório na educação especial sem nenhuma orientação ➤ É disponibilizado poucos cursos relacionado a inclusão ➤ Falta preparo para trabalhar com inclusão Os cursos não contribuem para a prática 	<p>02 A falta de conhecimento dos professores de Educação Física para a regência com os alunos incluídos</p>
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Procura cursos sobre inclusão, além das escolas ➤ A pós graduação contribuiu bastante para o trabalho pedagógico; ➤ Sempre busca cursos de formação continuada; ➤ Quando encontramos alunos incluídos, procuramos entender o problema dele ➤ Os professores que buscam conhecimento <ul style="list-style-type: none"> ➤ procura cursos fora do município ➤ Na prática aprendemos muito mais Os alunos respeitam os limites do anee ➤ Na prática aprendemos muito mais; ➤ Desenvolve várias alternativas metodológicas para trabalhar com os anee; ➤ Parece que há um privilégio sobre a prática; ➤ Aprendemos na prática 	<p>03 A busca do conhecimento pelos professores de Educação Física: a prática como construtora de saberes</p>

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os cursos contribuem, mas a prática ensina muito mais ➤ Têm diferentes experiências com anee; <p>Da mais atenção ao aluno com necessidade</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ E difícil trabalhar com o anee; ➤ O anee faz dentro do limite dela; ➤ Ele tem vergonha, tem medo de fazer as atividades; ➤ Dificuldades motoras dos alunos e a influência na prática pedagógica; ➤ Uma dificuldade é o número de alunos por turma; ➤ O problema maior é quando a deficiência é mental; ➤ Bastante dificuldade nos estágios com anee ➤ Dificuldades do professor para trabalhar nas aulas de Educação Física , quanto ao espaço físico ➤ Sem interesse dos pais fica mais difícil de trabalhar com os anee ➤ Difícil avaliar os anee na Educação Física ➤ A Educação Física é deixada de lado ➤ A inclusão beneficia os alunos chamados normais e os anee. ➤ A inclusão depende muito da criança ➤ A Educação Física ajuda na socialização dos alunos ➤ Procura saber quem é o aluno; ➤ Os pais contribuem com o professor, com debates sobre seus filhos; ➤ Os pais tem interesse em saber como o filho está indo nas aulas. ➤ Tem apoio dos pais e direção. ➤ Os pais não procuram saber como o filho esta indo nas aulas ➤ Eles tem outros profissionais fora da escola ➤ Superação das crianças ➤ Na rede municipal a inclusão é mais valorizada <ul style="list-style-type: none"> ➤ Não tenho alunos incluídos este ano 	<p>04 Inclusão: dificuldades encontradas na escola</p>

<ul style="list-style-type: none">➤ Avaliação com uma maior variedade de instrumentos➤ O aluno é avaliado através da sua evolução.➤ A inclusão acontece mais fácil quando ainda são pequenos	
--	--

Fonte, Venson (2011)

APENDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO É UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TEMA: FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A
PROCURA DO CONHECIMENTO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR**

OBJETIVO: compreender como os professores buscam o conhecimento sobre a inclusão, para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais incluídos nas aulas de Educação Física em suas turmas comuns do ensino fundamental.

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: **FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PROCURA DO CONHECIMENTO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR** deseja investigar a formação dos professores

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

1. Será realizada uma entrevista semi-estruturada com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com o professor coordenador da pesquisa professor....., pelo telefone (.....) ou pelo endereço eletrônico@unesc.net ou com o orientando(a) pelo telefone (.....) ou pelo endereço eletrônico@unesc.net.
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

(PODERÃO SER ACRESCENTADOS OUTROS ITENS COMO AUTORIZAÇÃO PARA FOTOS E
GRAVAÇÃO)

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof.

Coordenador da pesquisa

Orientando: Edna Venson

Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo %a.....+e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a)

Data: ____/____/____